

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS  
CURSO DE JORNALISMO

FRANCIELLE MATIAS MARTINS DA SILVA

**JORNALISMO E SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DE RELATOS DE  
REPÓRTERES APÓS COBERTURA DE TRAGÉDIAS**

Porto Alegre

2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

FRANCIELLE MATIAS MARTINS DA SILVA

**JORNALISMO E SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DE RELATOS DE  
REPÓRTERES APÓS COBERTURA DE TRAGÉDIAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação, Artes e Design - FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Orientador(a): Prof. Me. Tércio Saccol**

Porto Alegre

2019

FRANCIELLE MATIAS MARTINS DA SILVA

**JORNALISMO E SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DE RELATOS DE  
REPÓRTERES APÓS COBERTURA DE TRAGÉDIAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado à Escola de Comunicação, Artes e  
Design - FAMECOS da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador(a): Prof. Me. Tércio Saccol – PUCRS

---

Prof. Me. Fábio Chelkanoff Thier – PUCRS

---

Prof. Me. Filipe Gamba – PUCRS

Porto Alegre

2019

## AGRADECIMENTOS

Dedico este espaço para agradecer a meus pais, que mesmo diante das dificuldades nunca mediram esforços para oferecer tudo o que fosse possível, assim me educando e ensinando princípios de respeito, caráter e perseverança. Agradeço também à família que ganhei do mundo, Alfredo, Marister, Thiago, Tatiane e Thais, que me acolheram em sua casa, confiaram em meus valores e aceitaram ser meus fiadores nesta longa jornada de estudos, me possibilitando assim iniciar esta graduação e chegar até aqui. Agradeço ao Jefferson Botega, primeiro gestor que tive na área do jornalismo, que acreditou no meu potencial e me permitiu ingressar no mercado de trabalho. Deixo aqui também o meu muito obrigada ao Fabrício de Carvalho, técnico de áudio da Famecos, que esteve ao meu lado ao longo do desenvolvimento do podcast Doc. Bastidores do Jornalismo, e aos amigos do CPM e secretaria Famecos, que me apoiaram e deram suporte para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço imensamente à Marta de Oliveira, bibliotecária da PUCRS e que foi como um anjo em minha vida, ajudando nas horas de grande dificuldade com o processo de finalização desta monografia. Agradeço ao colega e amigo Geder Fernando Glitzenhirn por me acalmar nas horas de tensão e me permitir usar sua internet para o desenvolvimento do trabalho apresentado. Agradeço ao amigo Silvio Bruno Lopes pelo apoio e longas conversas e aos amigos do trabalho que acabaram se tornando amigos para a vida e que me apoiaram a todo o momento.

Agradeço ao professor Gamba, que me permitiu mergulhar no mundo do rádio e instigou esse amor imenso que carrego pela profissão.

Em destaque deixo meu agradecimento especial ao professor, mestre, orientador, amigo e quase “psicólogo espiritual” Tércio Saccol, que com todo o seu conhecimento, compreensão, paciência e maestria tornou tudo isso possível. Obrigada ao colega, amigo, editor e “terapeuta” André Roca, um dos meus maiores incentivadores e um dos caras que mais acreditam que sou capaz! Jasper, “você fez com que eu gostasse de mim mais do que eu gostava antes”, obrigada!

Aos que me conhecem, sabem que não poderia deixar de agradecer à Paçoca, minha filha de quatro patas. Ela teve e tem um papel muito importante em tudo o que sou, pois quando temos uma vida em nossas mãos, temos a certeza de que não estamos sós, e é com lágrimas nos olhos que escrevo este trecho sobre ela, a cachorrinha que me ensinou o valor de um amor imensurável.

A todos os que fizeram parte desta trajetória, deixo o meu MUITO  
OBRIGADA!

AMO TODOS VOCÊS 3

There are things we can do  
But from the things that work  
There are only two  
And from the two that we choose to do  
Peace will win and fear will lose  
There's faith and there's sleep  
We need to pick one, please  
Because faith is to be awake  
And to be awake is for us to think  
And for us to think is to be alive  
And I will try with every rhyme  
To come across like I am dying  
To let you know you need to try to think.

(Tyler Joseph)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo levantar questões sobre saúde mental no jornalismo e também apresentar informações sobre a atual situação dos conceitos de saúde mental em nosso país, bem como esses transtornos vêm afetando os profissionais de comunicação de forma efetiva. Esses jornalistas então passam a ser a peça-chave para esta monografia, que irá discutir saúde mental a partir da percepção de profissionais que cobriram tragédias, termo que, ao longo deste trabalho, será caracterizado por fatos em que ocorreram muitas mortes. O referencial teórico inclui autores como Cotta (2005), Romancini; Lago (2007) e Barbosa (2013), que se propõem a contar o processo evolutivo da profissão de jornalista ao longo dos séculos, Jacques; Codo (2007) e Ascêncio (2002) que trazem conhecimento sobre os conceitos de saúde mental e coberturas de tragédias, seguindo essa ordem. Destaco a importância deste estudo sobre Saúde Mental em meio à carreira dos jornalistas, já que as redações reduzem suas equipes a cada dia, os profissionais são cada vez mais cobrados quanto ao desenvolvimento de multitarefas e quanto a produções massivas de pautas diárias, gerando um maior desgaste físico e psicológico para esses indivíduos e agravando ainda mais a fadiga física e psicológica em meio a coberturas de fatos marcantes como em casos de tragédias. A partir das análises realizadas ao longo deste estudo, em que conversei com jornalistas que cobriram os seguintes fatos: Queda do avião da Chapecoense, incêndio na Boate Kiss, acidente do voo TAM 3054 e queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan na cidade Erechim, concluo que os jornalistas se sentem desamparados com relação ao apoio oferecido por parte das empresas e levam essa carência de amparo emocional ao longo das trajetórias profissionais, independentemente do veículo em que trabalham ou trabalharam, e que as questões de saúde mental ainda são manifestadas de forma muito abstrata dentro dos grandes veículos, que parecem apresentar, de modo geral, uma despreocupação quanto ao assunto. Ressalto a importância de trabalhos acadêmicos sobre o tema aqui abordado, pois as referências são escassas em nosso país, seguindo assim o exemplo da Columbia University, considerada hoje a referência em estudos direcionados a coberturas jornalísticas e traumas.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Repórter. Jornalismo. Jornalistas. Redações.

## ABSTRACT

The present paper seeks raise questions about mental health in journalism, and also presents information on the current state of mental health concepts in our country, as well as the disorders related to communication effectively. Journalists, then, are the key to this monograph, which will discuss mental health from the perception of professionals who covered the tragedies, term which, throughout this work will be characterized by existing facts with a large number of dead. Our theoretical framework includes authors such as Cotta (2005), Romancini; Lago (2007) and Barbosa (2013), who propose a process of evolution of the profession of journalist over the centuries, Jacques; Codo (2007) and Ascience (2002) that brings the knowledge on mental health and coverage of tragedies, following this order. Emphasize the importance of the study on "Mental Health" in the midst of a career of journalists, given that newsrooms reduce their teams daily, professionals are increasingly being charged for the development of numerous tasks and for massive productions of daily schedules, generating greater physical and psychological exhaustion for these individuals. This is further aggravated by the coverage of major events such as the tragedies. From the analysis developed throughout this study, I spoke with journalists who covered the following events: Chapecoense plane crash, the fire at Kiss nightclub, flight accident TAM 3054 and fall of a school bus on the Corsan dam in the city of Erechim, I conclude that journalists feel helpless regarding the support offered by companies and take this lack of emotional support throughout their professional career, regardless of the media outlet in which they currently work, or used to work, and mental health issues are still manifest in a very abstract way in the great communication vehicles, and these seem generally to be unconcerned about this subject. I hope that more students and academics will have an interest in addressing this issue, since the references in our country are scarce and I expect brazilian universities will also show more attention to the facts reported here, since today Columbia University is the only one that have studies directed to the Coverage Journalism and Traumas.

**Keywords:** Mental Health. Reporter. Journalism. Journalists. Newsroom.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A COBERTURA JORNALÍSTICA DE GRANDES TRAGÉDIAS .....</b>	<b>11</b>
2.1	O JORNALISMO E AS REDAÇÕES: FORMAÇÃO HISTÓRICA .....	13
2.2	A PAUTA E AS COBERTURAS JORNALÍSTICAS .....	20
2.3	AS COBERTURAS DE TRAGÉDIAS .....	23
<b>3</b>	<b>SAÚDE MENTAL E COBERTURA JORNALÍSTICA.....</b>	<b>26</b>
3.1	SAÚDE MENTAL E TRABALHO: CONCEITOS GERAIS .....	27
<b>3.1.1</b>	<b>A discussão sobre saúde mental aplicada ao universo dos jornalistas</b>	<b>34</b>
3.2	AS GRANDES TRAGÉDIAS E O JORNALISMO/JORNALISTAS.....	35
3.3	ESTRUTURA DE SAÚDE OCUPACIONAL .....	37
<b>4</b>	<b>A SAÚDE MENTAL NO JORNALISMO .....</b>	<b>39</b>
4.1	A COBERTURA DE TRAGÉDIAS POR JORNALISTAS NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO .....	39
4.2	AS PERCEPÇÕES DOS REPÓRTERES SOBRE A ASSISTÊNCIA EM SAÚDE MENTAL PARA JORNALISTAS.....	49
<b>4.2.1</b>	<b>As orientações.....</b>	<b>50</b>
<b>4.2.2</b>	<b>A estrutura de atendimento .....</b>	<b>51</b>
<b>4.2.3</b>	<b>A busca por atendimento/orientação profissional .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Instruções sobre saúde mental por parte dos veículos .....</b>	<b>53</b>
<b>4.2.5</b>	<b>Percepções .....</b>	<b>53</b>
4.3	O PREPARO À ASSISTÊNCIA POR PARTE DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO EM RELAÇÃO AO SEU FUNCIONÁRIO .....	54
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA OS JORNALISTAS ...</b>	<b>65</b>
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONARIO ENVIADO PARA OS VEÍCULOS .....</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o país com maior preponderância de depressão da América Latina e o segundo maior entre as Américas, ficando atrás somente dos EUA, que têm 5,9% de depressivos. Entre os anos de 2005 e 2015, esse número cresceu 18,4% em nosso país e, segundo dados levantados pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) em 2017, o estresse ocupacional, depressão e ansiedade estavam entre as cinco principais causas de afastamento do trabalho.

Com dados preocupantes sobre o aumento do número de pessoas sofrendo com doenças mentais e a partir do crescimento do tema Doenças Mentais no Mercado de Trabalho, este trabalho visa a apresentar a importância de se tratar sobre saúde mental nesse ambiente, com destaque para jornalistas. Submetidos a situações tão adversas e desempenhando funções de forma quase ininterrupta em meio a uma produção massiva de notícias, com cobranças sobre planejamento de pautas diárias, mesmo fora da jornada de trabalho e com possíveis agravamentos desse desgaste mental quando se trata de coberturas de grandes tragédias<sup>1</sup>, esses profissionais podem carregar reflexos psicológicos do desempenho da profissão. De acordo com o site americano especializado em empregos, CareerCast (2012), desde 2012 o jornalismo aparece entre as cinco piores profissões do mundo. A análise do site é feita a partir do ambiente de trabalho, nível de estresse e crescimento projetado.

Este projeto tem como objetivo discutir saúde mental no jornalismo a partir da percepção de profissionais que cobriram tragédias. O objeto foram trabalhadores dessa área que participaram do podcast Doc. Bastidores do Jornalismo, realizado por esta pesquisadora em atividade acadêmica em 2018. O trabalho em áudio trata dos bastidores das coberturas das grandes tragédias ocorridas no sul do país. Os episódios tratados foram: a queda do avião da Chapecoense, o incêndio na Boate Kiss, o acidente com o avião TAM 3054, e a queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan na cidade de Erechim.

---

<sup>1</sup> Para fins desta pesquisa, será considerada uma grande tragédia aquele acontecimento que resultou na morte de, no mínimo, 15 pessoas, sem que isso signifique qualquer menosprezo por parte da autora à dor que um evento de menor proporção tenha causado a envolvidos.

No desenvolvimento do podcast, pude observar que alguns jornalistas relataram marcas psicológicas deixadas a partir da cobertura desses fatos. Esses depoimentos me instigaram a desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em questão. Além dos jornalistas entrevistados para o podcast, os grandes veículos também foram alvo do estudo, já que as estruturas de saúde e o ambiente de trabalho oferecidos por essas organizações fazem parte da vida dos profissionais da comunicação. Esse tema sensibiliza esta pesquisadora tanto pela experiência no mercado quanto pela pouca atenção percebida em geral em escolhas de trabalhos acadêmicos no jornalismo.

No capítulo inicial, pretendo contextualizar brevemente a história da imprensa no Brasil até chegar às grandes mudanças mercadológicas nos dias atuais com base nos conhecimentos de Cotta (2005), Romancini; Lago (2007) e Barbosa (2013), como principais referências para o desenvolvimento deste âmbito. Esta trama evolutiva será feita para ambientar o leitor sobre os processos evolutivos acerca da profissão de jornalismo até o momento em que vivemos. Após esse processo de descrição da evolução da profissão em nosso país, vou apresentar os termos de saúde mental, os conceitos, as doenças mentais com maiores indícios e os levantamentos sobre afastamentos do mercado de trabalho por conta de doenças relacionadas à saúde mental, isso tudo para retratar a real situação muitas vezes desconhecida em relação a saúde mental em nosso país. Para isso, foram usados os autores Jacques e Codo (2007), além de dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Após, partirei especificamente para a proposta do assunto “Saúde Mental e Jornalismo”, em que apresentarei dados referentes à saúde mental desses profissionais, mesmo com notada dificuldade de encontrar dados específicos. O trabalho dispõe desta ordem de apresentação para que, inicialmente, o leitor possa conhecer o trajeto percorrido pela profissão de jornalismo e seus processos, após, compreenderá as questões referentes ao quesito saúde mental, e em um terceiro momento identificará a ligação entre os contextos de saúde mental aplicada ao trabalho dos jornalistas.

Na sequência dessa contextualização teórica, fragmentei os relatos trazidos por cada jornalista que expressou algum impacto causado pelas coberturas citadas durante as gravações do podcast Doc. Bastidores do Jornalismo, desenvolvido no ano de 2018, na disciplina de Projeto Experimental 1- Rádio, da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS, que falou sobre a queda do avião da

Chapecoense, o incêndio na Boate Kiss, o acidente do voo TAM 3054 e a queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan na cidade Erechim. O critério escolhido para destacar as falas a partir das entrevistas realizadas no podcast foi a conexão com a saúde mental e as incidências relatadas pelos jornalistas após a cobertura de eventos extraordinários como os verificados no podcast acima citado. Trabalhei com a metodologia de pesquisa guiada por entrevistas estruturadas ou padronizadas. Com base nela, desenvolvi questionários padronizados e encaminhei para os jornalistas com o intuito de verificar como esses identificam as estruturas oferecidas pelo mercado de trabalho e como eles se sentem em relação a isso. A ideia de entrevista padronizada parte da igualdade de condições para a manifestação dos profissionais. As entrevistas foram feitas por canais digitais e todos obtiveram as perguntas em formato de texto e responderam as mesmas da mesma forma. A partir da mesma metodologia de pesquisa, também desenvolvi um questionário padronizado para encaminhar aos veículos de comunicação com o objetivo de identificar as condições oferecidas para os seus jornalistas e as preocupações em relação ao tema.

O escopo final é a análise da relação entre a forma como os profissionais de jornalismo se sentem em meio às condições oferecidas pelos veículos de comunicação e a atenção dada pelos veículos de comunicação frente a um tema tão pertinente, importante e atual.

## 2 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE GRANDES TRAGÉDIAS

No Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, escrito por Ferreira (1980, p.1990), tragédias são descritas como "eventos tristes e de maior gravidade e que causam piedade ou terror". Desse modo, em um contexto geral, situações que se encaixam nessas definições causam grande comoção em âmbitos coletivos. O ambiente de trabalho e a carga emocional absorvida durante a produção de conteúdos podem afetar de forma considerável a relação entre saúde e doença mental do profissional que convive diariamente nesse meio: "[...] os vínculos entre trabalho, saúde/ doença visto que, ao transformar a natureza do trabalho, o homem transformou suas condições de ser e estar no mundo e suas condições de adoecer e morrer." (JACQUES; CODO, 2007, p. 98).

Com a evolução tecnológica, a modernização e a implantação de novos processos na produção industrial, ocorreram grandes mudanças nas condições e no desenvolvimento de trabalho. Isso trouxe também transformações significativas no plano social e no comportamento individual.

Embora as condições de trabalho tenham melhorado muito nas últimas décadas, reduzindo as taxas de mortalidade e morbidade dos trabalhadores, os números ainda são alarmantes e revelam índices elevados de acidentes e doenças ocupacionais.

No livro *Advances in Psychiatric Knowledge*, ou *Avanços no Conhecimento Psiquiátrico* em tradução livre, o escritor Allan Beigel (1996, p. 77) fala sobre a rápida expansão de conhecimento sobre as bases bioquímicas dos transtornos mentais ocorrida nas últimas décadas e, como consequência, o veloz avanço nos tratamentos farmacológicos para esses problemas. A grande preocupação em encontrar um tratamento tem, em contraponto, a pequena preocupação em resolver esses problemas a partir da raiz – nesses casos, a falta de estrutura de trabalho, tornando mais difícil o combate desses transtornos de forma efetiva.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001), os transtornos de comportamentos e os transtornos mentais relacionados ao trabalho são resultados de contextos do ambiente de trabalho. Entre esses contextos geradores de problemas estão: a falta de oportunidades ou a ameaça de perda do emprego; o trabalho sem significação, sem suporte social, sem reconhecimento, sem registro; situações de fracassos, acidente de trabalho ou mudanças na hierarquia; ambientes

que não possibilitam a comunicação espontânea, manifestação de insatisfações e sugestões dos trabalhadores em relação a melhorias na organização; fatores relacionados ao tempo, a carga de trabalho, ao ritmo e a turno; jornadas longas, ritmos intensos ou parados, submissão do trabalhador ao ritmo das máquinas; pressão para aumento de produção; níveis altos de concentração somada ao nível de pressão exercida pela organização; vivência de acidentes de trabalho traumáticos.

A relação específica dos transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho (BRASIL, 2001) conta hoje com 12 grupos de doenças mentais segundo o Ministério da Saúde. Dentre essas doenças, se destacam: o alcoolismo crônico, estados de estresse pós-traumáticos, episódios depressivos, neurastenia (síndrome da fadiga crônica), transtornos do sono, neurose profissional e sensação de estar acabado (síndrome de burnout e a síndrome do esgotamento profissional).

Jacques e Codo (2007) usam a referência de Dejours (1986) para falar a respeito dos reflexos do trabalho sobre a saúde do funcionário que são consequências tanto das condições quanto das organizações de trabalho oferecidas para esse trabalhador. (DEJOURS, 1986 *apud* JACQUES; CODO, 2002, p. 99).

Enquanto as primeiras, que dizem respeito às condições físicas, químicas e biológicas do ambiente de trabalho se refletem sobre o físico do trabalhador, aquelas que dizem respeito à divisão técnica e social do trabalho (hierarquia, controle, ritmo, estilo gerencial) repercutem sobre sua saúde psíquica, causando-lhe sofrimento, doenças físicas e mentais. Este quadro se agrava em países como o Brasil onde coexistem relações de trabalho primitivas ao lado de métodos modernos de gestão (Dias, 1994) e, em geral, com um estilo gerencial autoritário. (JACQUES; CODO, 2007, p. 99).

Esse processo de gestão desenvolvida conciliado a conceitos e estruturas de trabalho antiquados vem causando grandes danos à saúde física e mental dos profissionais.

[...] as transformações técnicas e organizativas introduzidas nos processos de trabalho tem suscitado um acentuado desgaste no trabalhador, revelado através de distúrbios orgânicos, psíquicos ou mistos: hipertensão, doenças coronárias e digestivas, neuroses e psicoses classificadas, genericamente, como doenças de estresse ou tensão. Uma análise mais apurada revela uma íntima relação entre

essas doenças e as situações de trabalho, embora nem sempre reconhecida pela legislação específica. (JACQUES; CODO, 2007, p. 99).

Diante dessa realidade, este trabalho se propõe a avaliar a qualidade de trabalho oferecida aos jornalistas e os impactos diante da cobertura de grandes tragédias com amostragem em algumas redações.

## 2.1 O JORNALISMO E AS REDAÇÕES: FORMAÇÃO HISTÓRICA

Para que seja possível compreender o jornalismo desenvolvido e pensado dentro das redações, com todas as suas técnicas e organizações hoje tão enraizadas na produção das notícias é, antes de tudo, necessário conhecer e entender o surgimento do jornalismo diante da história e como esses processos foram criados.

Os primórdios da imprensa no Brasil se iniciaram ainda no século XVIII quando as primeiras tipografias chegaram em nosso solo com o príncipe regente D. João, que vinha de Portugal, durante uma fuga aos ataques franceses, e com a justificativa de comandar o país. Vindas em caixas e dentro de navios que transportavam os objetos pessoais da realeza, as tipografias chegaram no Brasil por uma solicitação do ministério e Conde da Barca na época. De acordo com Barbosa (2013), no dia 10 de setembro de 1808 chegava então a tipografia, transportada nos porões das embarcações portuguesas, desta vez em formato de jornal impresso e com o nome Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal editado e publicado em nosso país. Anterior a esse fato, temos o jornal Correio Braziliense como o primeiro jornal a circular em território nacional. Editado em Londres e enviado para o Brasil, foi muito importante para o desenvolvimento da imprensa em nosso país. O Correio Braziliense era visto como um jornal de caráter combativo, por não se curvar à censura imposta aqui. Era produzido praticamente por completo pelas mãos de Hipólito José da Costa, e foi compreendido como um jornal com conteúdo “desafiador” aos olhos das autoridades políticas portuguesas. O Correio Braziliense sofreu diversas tentativas de censura como: suborno, processos criminais, pressões diplomáticas para expulsar Hipólito da Inglaterra, entre outras. Apesar das represálias por parte do governo, o jornal resistiu sem alterações na linha editorial até o ano de 1822, quando ocorreu a independência do Brasil e Hipólito supôs que,

com esse processo, existiria um crescimento da imprensa no país e os serviços que prestava não seriam mais necessários.

Ao longo do período pré-Independência (1815-1822), de acordo com Romancini e Lago (2007), o número de jornais disponíveis para a população começou a crescer significativamente e, como grande parte dessas publicações eram direcionadas para um público de menor renda e menos alfabetizado, os mesmos eram oferecidos por um baixo custo, alcançando grande popularidade e ajudando assim a população a ficar mais informada e menos complacente ao poder público. Além do jornalismo periódico, as fotografias e as ilustrações passaram a assumir papel de destaque nas produções até então somente textuais, complementando deste modo a informação e aproximando cada vez mais o público.

Com uma população em processo de alfabetização crescente, a inclusão de imagens para auxiliar na contextualização e compreensão dos fatos e este contato direto com o público, o jornalismo mundial é então atingido pela multiplicação em massa e as transformações que alteraram a forma como o público vê e compreende o jornalismo com a participação gradual e o surgimento do espectador se tornam cada vez mais visíveis.

Se inicialmente litografias, fotografias, cosmoramas, diagramas, estereotípias e finalmente cinematógrafos iam construindo um público capaz de observar o mundo enquanto se percebia dentro ou fora dele, outros aparatos tecnológicos mudavam a forma de ver este mundo e se relacionar com eles. Telégrafos e telefones transportavam a escrita e a voz, enquanto dispositivos visuais faziam transportar a imagem. (BARBOSA, 2013, p. 190).

Em 1889, com o início a chegada do período da República, o jornalismo passa por mudanças, deixando de ser um processo completamente artesanal e se transformando em empresa, alinhando-se com o processo de gradual industrialização. Nesse momento, o jornalismo que até então era composto pelo caráter opinativo, agora passa a ter espaço também para a informação.

Assim, um aspecto de transição (iniciada de modo mais acanhado no próprio Segundo Reinado) é este: de uma imprensa pouco estruturada como negócio ao jornalismo como empresa; de outro lado, o modelo de jornal opinativo tenderá a ser; ao longo da primeira fase da República, substituído pelo jornal informativo. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 76).



A imprensa periódica passa a atingir a grande população entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando surgem as grandes redações, lugares que os jornalistas passam a frequentar para desenvolver seus trabalhos, analisar o que é de interesse público e compartilhar ideias e conhecimentos. As redações foram evoluindo gradualmente e passaram a contar com profissionais envolvidos no planejamento, redação e edição dos periódicos. Em 1935, também surge uma maior demanda sobre a cobertura jornalística internacional e as agências de notícias chegam para suprir essa necessidade.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o modelo de jornalismo usado nos Estados Unidos passou a se alastrar de forma global, influenciando jornais no mundo inteiro com convicções direcionadas para a ideia de liberdade de imprensa, imparcialidade e objetividade. Isso nos trouxe alguns padrões de produção textual usados até hoje como o lead, a pauta, a grafia padrão, além de muitos terem aderido à figura do ombudsman.

Assim, conforme discute Lins da Silva (1991), existiria uma maior influência da ideologia jornalística norte-americana no Brasil, a partir da Segunda Guerra, substituindo modelos europeus. Essa influência implica na assimilação de práticas de produção, como o lead (parágrafo inicial de um texto informativo que procura resumir os aspectos mais relevantes da notícia, geralmente responde a perguntas como “o quê, quem, quando, como, onde e por quê”), o uso da pauta, a padronização gráfica das manchetes e títulos e a adoção do ombudsman (profissional encarregado de fazer a crítica do veículo, atendendo também as reclamações de leitores), entre outras. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 75).

Surgem também valores essenciais para a produção do jornalismo, dentre eles a objetividade.

[...] a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros da linha editorial dos principais veículos de comunicação de comunicação do Brasil. E, nessa busca impossível, introduziu-se a lei de ouvir os dois lados, partindo-se do pressuposto de que, frequentemente, há dois lados opostos numa mesma história. (ROSSI, 2000, p. 11).

Diferentemente de Rossi, outros livros e até manuais de redação apresentam a objetividade e até a verdade como algo inexistente. O Manual da Redação (2003) do jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, diz que, quando o jornalista decide a pauta, escreve o texto e/ou o dita já está tomando decisões de grandes proporções subjetivas, induzido por experiências pessoais, diárias e emocionais.

O Manual de Redação e Estilo (1996) do jornal O Globo, também define a objetividade como algo influenciado pelo meio em que se habita. Ele diz que o foco dado a cada notícia depende constantemente do impacto que ela causará à comunidade, baseando-se no número de pessoas impactadas pelo fato. Ao longo dessa filtragem e desse processo de objetividade, o jornalista também pode passar a ser impactado e começar então a reagir de forma diferente do que se consideraria 'normal' neste mercado

Pery Cotta se mostra um inquieto e incrédulo ao conceito de objetividade e até mesmo ao conceito de verdade.

Mas a verdade é outro mito no jornalismo, como a objetividade. O jornalismo persegue a verdade, mas tem mesmo de contentar-se com o que parece verdadeiro.

E a objetividade não existe porque cada um é um poço de subjetividades, inclusive o repórter e seus entrevistados. (COTTA, 2005, p.116).

Junto aos valores do jornalismo, também surge outro parâmetro/técnica essencial para a produção do jornalismo no país: a pauta. Ela serve de fio condutor, tanto de forma a orientar os repórteres sobre o que deve ser produzido no dia-a-dia quanto para informar os editores para que esses possam ter um controle do conteúdo produzido em cada editoria. "A pauta é a indicação do caminho a percorrer segundo o objetivo da reportagem." (COTTA, 2005, p. 86).

De acordo com Ortriwano (2003), apesar do crescimento dos jornais, grande parte da população brasileira ainda era desassistida do consumo de informações, sobretudo a população agrária e analfabeta no país e, como forma de suprir essa necessidade, levando informação para os não alfabetizados e não afortunados, disseminando igualdade de conhecimento por todas as classes e entre todas as gerações, o surgimento do rádio em 1919, com a Rádio Clube de Pernambuco, foi um marco.

Em seguida, em 1922, confirmando o ofício de rádio jornalismo informativo, no dia sete de setembro daquele ano, em comemoração ao centenário da Independência, o rádio, enfim, expandiu-se ao som da voz do presidente da época, Epitácio Pessoa, em um discurso de abertura da Exposição Internacional no Rio de Janeiro, em transmissão emitida por 80 receptores importados especialmente para aquela data. O rádio conquistava espaço. E essa conquista só aumentou. Em 1927, a Rádio Educadora Paulista realizou a transmissão de uma partida entre cariocas e paulistas do Estado do Rio de Janeiro para o Estado de São Paulo e para que todos pudessem acompanhar a partida, instalaram alto-falantes em pontos estratégicos da cidade. No dia seguinte ao jogo, os veículos de comunicação comentavam a repercussão do acontecimento e sobre as multidões aglomeradas diante dos alto-falantes. Neste momento, o rádio mostrava o grau de importância que havia alcançado. “Em 1929, os aparelhos (...) em São Paulo já passavam de 60 mil unidades. O hábito de ouvir rádio ia se consolidando.” (CALABRE, 2004, p.16).

O rádio aumenta o grau de penetração e alcança gradualmente a população de ouvintes com a popularização dos aparelhos. As emissoras começam a se organizar em estruturas jornalísticas como redações.

Em 1944, mais especificamente em janeiro, a revista *Seleções do Reader's Digest* publica um anúncio que causa, no mínimo, estranheza por parte de leitores. A publicidade da empresa General Electric ocupa uma página inteira com um grande título que dizia: “A eletrônica trará a televisão ao nosso lar”. Nesse período, já era possível identificar a formação de um imaginário consciente e inconsciente sobre o que seria a televisão e a proximidade com as possibilidades que ela traria.

O imaginário vira realidade e em 18 de setembro de 1950 é inaugurada a TV Tupi – Difusora São Paulo, a primeira emissora de televisão brasileira. Em janeiro do ano seguinte, o Estado do Rio de Janeiro também passou a ter um transmissor de TV, surgindo então a TV Tupi – Difusora Rio de Janeiro realizando a primeira transmissão então no canal 6, na cidade que era a capital da República. Na época o sinal chegava a aproximadamente 100 quilômetros de alcance, o que limitava o acesso a transmissão. Em 1951, o país começou a produzir os próprios receptores e a incentivar a compra do equipamento televisivo, mas os preços exorbitantes não condiziam com a realidade econômica da população brasileira. “[...] custava três vezes mais do que um produto também objeto de desejo da classe média

ascendente: as radiolas. Em 1952 existiam em todo o país cerca de 11 mil televisores.” (RIBEIRO, SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 20).

Durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, os meios de comunicação (jornal, rádio e TV) assumiram um papel de destaque, informando o público sobre os eventos históricos que estavam acontecendo. O rádio e a TV, como os meios mais jovens, aproximavam ainda mais o público à realidade vivida naquele momento.

O rádio assume um papel importante já na década de 1930 e, assim como os jornais impressos, noticia fatos como a Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, com a primeira emissora de TV (1950), todos esses meios irão refletir e atuar no processo sócio-político nacional, em episódio como o suicídio de Vargas, a renúncia de Jânio e o golpe de 1964. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 95).

No dia 1º de janeiro de 1964 os militares assumem o poder no Brasil em um período conhecido como Ditadura Militar. A imprensa, que até então havia apoiado as manobras de domínio pelos militares, passou a combater as decisões, vivendo um período de censura que culminou em perseguições, tortura, invasões à redações e bancas, prisões, inquéritos, exílios, violência física e mortes. Em contrapartida a isso, as políticas de desenvolvimento econômico contribuíram para o desenvolvimento tecnológico e jornalístico, especialmente na TV. Com estes avanços também surgiram as primeiras faculdades de jornalismo no país e a profissão passou a ser reconhecida oficialmente em 1969.

Em meio ao regime de exceção e à criação dos Atos Institucionais (AI - 1, 2, 3, 4 e 5), alguns veículos viveram um frenético processo de crescimento, como a TV Globo e a Time-Life, enquanto outros vivenciaram a decadência, casos da TV Excelsior e do grupo Última Hora. De forma simultânea a essa situação, houve o crescimento das revistas, que surgiram ainda no século anterior, em 1812, mas que emergiram durante o período militar e apresentavam os mais variados conteúdos para todos os públicos, dentre esses, o que estava em ascensão na época: a classe média.

Histórias em quadrinhos, revistas femininas, revistas infantis, revistas dedicadas à televisão, fotonovelas, uma infinidade de conteúdos especializados. É também na década de 1960 que se observa o vertiginoso crescimento do Grupo Abril e de revistas destinada a um público em ascensão numérica e economicamente: a classe média. (BARBOSA, 2013 p. 292).

O Grupo Abril então também conquistou espaço e, entre as décadas de 1950 e 1970, lançou diversas publicações, entre elas a revista *Veja*, em 1968, expressiva em distribuição até os dias de hoje. Ainda durante o regime militar, a informatização foi um marco importante nas redações.

O controle militar absolutista se encerrou no dia 15 de janeiro de 1985 com a eleição indireta de Tancredo Neves. Posteriormente, por conta da doença e da morte de Tancredo, José Sarney assumiu o cargo definitivamente. Essa nova administração pós-militarismo trouxe novamente liberdade e crescimento aos veículos de comunicação. Nos anos de 1990, com a inserção de provedores gratuitos, a internet passou a ganhar popularidade. A chegada da internet trouxe novas expectativas para o povo brasileiro, o surgimento de uma nova era social, em que a comunicação passou a atravessar continentes em formatos diversos, como textos, áudios, fotos e vídeos mostrados pela tela de um computador.

É lançado então o primeiro jornal em versão online: entre os anos de 1995 e 1996, o *Jornal do Brasil* vai ao ar também na web: “No Brasil, o ano de 1995 foi o da implantação da internet. O *Jornal do Brasil*, no ano seguinte, foi o primeiro a oferecer uma versão eletrônica de suas notícias.” (ABREU, 2002, p. 56).

A internet trouxe para o jornalismo o poder do imediatismo, permitindo ao público o acesso a novas informações em tempo real. Em 2002, apesar de a maior parte da população ainda não ter acesso à internet em suas residências, já era possível identificar o fascínio em torno desse jornalismo instantâneo e de nicho.

O jornalismo on-line disponibiliza a notícia em “tempo real”. a periodicidade da informação pode ser a cada minuto, hora, dia, semana, mês. Cabe ao internauta fazer a opção. Ele também pode escolher as notícias que lhe interessam, bastando se cadastrar e escolher o tema. Um site permite a existência de veículos dirigidos a públicos cada vez mais segmentados. (ABREU, 2002, p. 57).

Em 1997, em pleno processo de desenvolvimento tecnológico e princípio de inclusão da internet nos lares brasileiros, o autor Roger Fidler usou o termo *midiamorfose* para explicar as grandes transformações nos meios e nos veículos de comunicação, causadas tanto pelas necessidades do público e pelas disputas de poder quanto pelas mudanças tecnológicas e sociais. O autor acredita que uma mídia não extingue ou anula a existência da outra, mas, sim, acrescenta, e que

ambas se multiplicam e se expandem, e evoluem, assim como ocorre a evolução da fauna e da flora, de seres vivos e não vivos, assim como os conteúdos online, que hoje nos permitem acessar conteúdos que vinculam áudios, vídeos, fotos e textos distribuídos num mesmo espaço.

Cotta (2005) também acredita que as mídias possam produzir um mesmo conteúdo sem anular umas às outras, mas critica o jornalismo atual e o enxerga como uma grande exposição de publicidade e marketing e ainda questiona, quando nossa sociedade vai quebrar essa hipnose causada pela mídia, com espaços vendidos em meio as suas programações, usados expressamente com o intuito de indução do espectador à aquisição de produtos comerciais ou crença de ideias e vai passar a cobrar dela uma maior capacidade de oferecer conteúdos de interesse público.

Certamente quando entenderem melhor como a mídia funciona. Neste sentido, este livro é um passo em favor de uma posição crítica e de cidadania porque jornalismo representa, antes de tudo, um compromisso assumido com a sociedade. (COTTA, 2005, p. 163).

## 2.2 A PAUTA E AS COBERTURAS JORNALÍSTICAS

Dentro de todo o processo de criação da imprensa, surgimento dos meios de comunicações, formação das redações e construção dos veículos de maior influência, algumas características se fixaram cada vez mais diante da rotina do profissional de reportagem.

O trabalho em qualquer veículo, principalmente em jornais impressos, obedece a um esquema em equipe que determina a entrada em cena de cada personagem e a execução de sua tarefa específica. Caracteriza-se, curiosamente, tanto por desempenhos individuais como trabalho em conjunto, exatamente como ocorre em uma peça tradicional de teatro. (COTTA, 2005, p. 86).

Perry (2004) descreve a produção da notícia como uma peça de teatro dividida em três atos: a pauta, a reportagem e a edição.

A pauta pode ser alterada ou ampliada também de acordo com a grandeza do ocorrido e do formato de cobertura a ser seguido, isso pode envolver um ou mais repórteres. Ela também pode surgir de diferentes formas, seja por um telefonema

feito por parte do ouvinte, uma mensagem de texto enviada pelo leitor para o WhatsApp da redação, uma sugestão do repórter ou elaborada pelo próprio pauteiro (jornalista responsável por definir o que será noticiado ao longo do dia e o que os repórteres deverão apurar) da editoria.

Inicialmente, como ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho diário, o jornalista deve chegar à redação e ir em busca da pauta para a qual está escalado naquele dia. Ele deve ler os detalhes da mesma e buscar informações sobre o assunto a ser tratado, sejam elas produzidas no próprio veículo de atuação ou não. Após isso, o repórter deve planejar o processo de apuração da matéria; qual o objetivo da matéria, que perguntas devem ser realizadas (a partir do tema da pauta), quem são as fontes e o que precisa saber antes de partir para as entrevistas (processo de pesquisa e busca de informação sobre a pauta).

Os repórteres são os jornalistas responsáveis por irem atrás da notícia, realizando entrevistas, levantando dados, e buscando informações exclusivas e/ou relevantes, compondo, assim, a reportagem/notícia que é tida como o texto já produzido.

Diante da definição do processo de criação e desenvolvimento da pauta, surge, então, de forma concreta, a produção da notícia.

Cotta (2005) acredita que a notícia é uma técnica utilizada pelo jornalismo, mas definida pelo repórter que, diante de determinada situação, avaliará, de acordo com o grau de ineditismo daquele fato, se o mesmo pode se tornar notícia ou não.

Notícia é, na técnica da reportagem, a informação que merece ser notada, isto é, transformada em anotação, em registro para possível nota posterior ou reportagem, a respeito de um acontecimento ou da vida. Não qualquer acontecimento, mas um fato de interesse jornalístico. (COTTA, 2005, p. 76).

Já os editores costumam ser divididos entre: editor-assistente, responsável pela conferência e edição do conteúdo antes desse chegar às mãos do editor-chefe; editor-chefe ou editor de jornalismo, responsável por comandar a editoria e responder diretamente ao diretor de redação; diretor de redação, responsável por comandar e responder por todos os resultados obtidos pelo veículo.

Seguindo a linha de Cotta, alguns autores acreditam não existir conceito ou definição exata do que pode ou não ser notícia. Zuculoto (2012) cita Secanella para representar os possíveis conceitos da notícia:

Apenas uma definição permanece em todas essas mudanças: é notícia o que os jornais escrevem em suas colunas e o que as emissoras de rádio e de televisão emitem em seus programas informativos. Ou seja, os tipos de notícias são infinitos. (SECANELLA, 1980 *apud* ZUCULOTO, 2012. p. 18).

Com base em Prado (1989), Zuculoto destaca os elementos essenciais para a existência da notícia.

Em toda notícia existem três elementos significativos: um fato que implica algum gênero de ação; uma informação de onde se descreve ou relata a ação em termo de compreensíveis; e um público ao qual se dirige essa notícia através dos meios de comunicação. (PRADO, 1989, p. 47 *apud* ZUCULOTO, 2012. p.18).

O jornalismo diário tem como prática comum a averiguação dos fatos, o desenvolvimento do conteúdo, seja ele textual, radiofônico ou televisivo, e a entrega do trabalho final. Na televisão, por exemplo, num processo de cobertura diária, antes de uma entrada “ao vivo”, o jornalista tem a possibilidade de se preparar, consultar fontes, apurar informações, pré-definir o que será tratado. Deveria existir assim, uma preparação prévia para essa entrada.

Por estar ao vivo, em tempo real, o repórter e a transmissão estão sujeitos a falhas de som, na locução do jornalista, de algum veículo ou alguém não previsto passar ao fundo; enfim, algo não planejado pode ocorrer. Contudo, em coberturas ao vivo em situações de normalidade, geralmente, tudo é programado. (MOTTA; RUBLESCKI, 2013, p. 5).

Ao longo do processo de cobertura diária, o jornalista tem como meta oferecer conteúdo exclusivo e, para isso, é preciso ser rigoroso no processo seletivo de escolha da notícia. Os assuntos cobertos devem ser os mais interessantes, de acordo com o público-alvo de cada veículo, e o menos clichê possível.

Deve-se apostar todas as fichas na cobertura mais ambiciosa de poucos assuntos. Que os demais assuntos fiquem por conta das agências de notícias. Estes, de preferência, devem ser publicados na seção de notícias curtas de cada editoria. (NOBLAT, 2002, p. 151).



## 2.3 AS COBERTURAS DE TRAGÉDIAS

Diferentemente do processo diário e previamente planejado da cobertura jornalística, independentemente do veículo ou do formato pelo qual a notícia será transmitida, a cobertura de uma tragédia não permite ao jornalista brechas para o planejamento.

Porém, antes de esmiuçar a cobertura jornalística diante da tragédia, é adequado apresentar como alguns autores usados como referências para a contextualização do tema definem esse conceito.

Amaral cita Lozano Ascêncio para manifestar uma visão sobre o tema: “[.] a catástrofe subverte a ordem e o relato da catástrofe estabiliza a ordem.” (ASCÊNCIO, 2002, *apud*, AMARAL, 2013, p. 48).

Delevati (2012) também lembra Ascêncio (2002) para destacar que:

[...] o que diferencia um acontecimento catastrófico de um não catastrófico seria a maneira como os sujeitos percebem e referenciam o acontecimento que mexe com sua estabilidade habitual. (ASCÊNCIO, 2002 *apud* DELEVATI, 2012, p. 49).

A confusão causada pela tragédia diante da ordem natural atinge a sociedade como um todo. A concepção e o conceito de tragédia, de acordo com Amaral (2013), Delevati (2012) e Ascêncio (2002), está diretamente associada ao desastre, podendo ele ser natural ou provocado pelo homem. O termo tragédia é, muitas vezes, associado, também, à descrição de catástrofe e tem como somatório um grande número de mortos, causando, assim, um processo de comoção que por vezes ultrapassa barreiras nacionais e se torna global.

O jornalista exerce um papel fundamental de informar o público. Durante a cobertura de uma tragédia, seja independentemente da proporção que ela tenha, esse papel se estreita ainda mais, pois os cuidados durante o processo de apuração precisam ser ampliados. Esse processo de cobertura da tragédia, seja ela realizada através dos veículos de texto, rádio ou TV, possuem uma série de características significantes e merecedoras de destaque, seja por questões de ordem prática, operacional, técnica, estética ou até mesmo ética.

Durante o processo de cobertura da tragédia existe uma ampla preocupação em relação ao envolvimento emocional do repórter com o fato a ser coberto, e não é

de hoje que esse quesito toma destaque diante desses fatos, pois o jornalismo brando demais pode ser visto como frio, enquanto o jornalismo caloroso demais pode ser visto como sensacionalista. Infelizmente, para situações como essas não existe um manual de redação e a sensibilidade pode vir à tona. “Repórteres podem chorar, e algumas vezes o fazem – sozinhos. Eles devem, no entanto, cobrir tais matérias da forma menos emocional possível e partir para a próxima.” (WHITE, 2008, p. 219 *apud* COUTINHO; MATA, 2013, p. 382).

De acordo com o que o mercado de trabalho espera de um repórter, ainda que isso seja subjetivo, esse deveria ocupar o lugar do outro, diferentemente do cidadão comum ou daquele que faz parte do contexto trágico. O jornalista é o narrador daquele drama social e, de acordo com a expectativa do público, e mesmo dentro dos padrões de redação, não deveria se envolver emocionalmente com a fato a ser noticiado.

[...] a jornalista do AJR observa que, embora tais coberturas possam criar intenso estresse psicológico, o script padrão em uma redação pede estoicismo. Admitir o abalo emocional, segundo ela, colide com a conduta equilibrada e não passional da qual a profissão tanto se orgulha [...]. (WHITE, 2008, p. 219 *apud* COUTINHO; MATA, 2013, p. 383).

As grandes tragédias, em geral, exigem uma cobertura ininterrupta dos veículos maiores, que podem durar horas e até dias, exigindo, assim, uma logística estratégica e diferenciada na produção do conteúdo. Nesse momento, ocorrem plantões em que um número elevado de repórteres se reveza entre a cobertura ao vivo, a atualização das últimas notícias e a produção de novos conteúdos.

Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta. Porém, pode - se ter, também, uma grande cobertura – cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande – com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo. (EMERIM, BRASIL, 2011, p. 4).

Durante situações atípicas como as tragédias é possível também identificar, principalmente entre os veículos de rádio e televisão, a existência do imprevisto, que traz, em alguns momentos, a repetição de informações ao vivo, mas também

descreve muito bem as sensações vividas naquele momento com uma maior naturalidade.

[...] a gente não pode entender o improviso como sendo a “enchecção de linguiça”, ou seja, quando você começa a falar aleatoriamente um monte de coisa apenas para ocupar um determinado espaço no ar que precisa ser preenchido por algum ruído e o seu ruído é o improviso. (...) o improviso é o seguinte: é quando eu não tenho o texto escrito, mas eu tenho as informações, elas foram checadas, elas têm a acurácia e eu sou capaz de elaborar mentalmente e depois traduzir isso oralmente em cima de fatos reais e de fatos acontecidos. Então eu acho que esse é o bom improviso. (MORAES, 2006, p. 121).

As alterações causadas pela ocorrência de uma tragédia transformam o formato da narrativa jornalística daquele momento, e essa mudança se reflete na participação do receptor. Essa informação não possui mais um sentido de fluxo único e nestes casos, mais do que em outros, a forma como o público recebe e interpreta a notícia possui grande importância no grau de confiabilidade do veículo. “[...] quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada.” (TRAQUINA, 2005, p. 93 *apud* BRANDALISE; NEGRINI, p. 84).

Assim sendo, é possível identificar que, na cobertura da tragédia, o processo não se resume somente à produção de conteúdo de forma incessante durante o incidente, mas também exige uma continuação desse trabalho nos dias subsequentes ao acontecimento. Essa cobertura singular, espontânea, improvisada e, muitas vezes, repetitiva dá então espaço para a contextualização e análise dos fatos e impacta de forma determinante a organização de uma redação ou agência.

### 3 SAÚDE MENTAL E COBERTURA JORNALÍSTICA

A ideia de Saúde Mental busca explicar a procura pelo equilíbrio emocional e a capacidade do indivíduo em administrar a própria vida e suas emoções, apesar de um aspecto considerável de variáveis, sem perder a noção do que é real e importante para si, permanecendo assim a noção de tempo e espaço.

[...] por um lado, a cultura fornece pontos de referência conceitual, emocional e expressiva que servem para dar sentido às experiências de enfermidade das pessoas. Por outro lado, é [uma definição] comportamental na medida em que a cultura provê sistemas de signos e significados nos quais condutas esperadas e formas de sentir e expressar as coisas são codificadas. (BIBEAU, 1993, p. 15).

Warr (1987) explica as dificuldades em torno do termo Saúde Mental; o revestimento moral que acompanha o conceito, fundados geralmente a partir dos valores das classes sociais dominantes, destacando o caráter inclusivo e exclusivo da mesma, e a diversidade de paradigmas e interpretações gerados a partir desse tema, e que dificultam a integração destes. (WARR, 1987 *apud* BORGES; ANGOLO, 2013).

Destacando a importância e a relevante influência social nesse caso, Garrido (1996) usa a citação de Álvaro & Paez (1996) para apresentar essa indução de concepções.

Mesmo considerando tais dificuldades é possível agrupar algumas concepções acerca da saúde mental. Uma dessas possibilidades aponta para dois grandes grupos de concepções: aquelas que enfatizam a ausência de enfermidades e outras que ressaltam a presença de componentes positivos. (GARRIDO, 1996 *apud* ÁLVARO; PAEZ, 1996).

É improvável que se possa englobar todos os aspectos utilizados ao longo de uma cobertura, mas é possível destacar e cultivar os passos básicos ao longo desse processo. Dentre esses, existe a busca dinâmica pela informação, a isenção, o discurso que reflete o real, o interesse do público, a contextualização do fato, a

apresentação de uma pluralidade de vozes que contextualizam o acontecimento, mantendo as hierarquias no discurso jornalístico etc.

### 3.1 SAÚDE MENTAL E TRABALHO: CONCEITOS GERAIS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que não existe definição oficial para o termo saúde mental. Julgamentos subjetivos, diferenças culturais e teorias desse gênero podem mudar a forma como uma sociedade específica define esse conceito, que hoje é utilizado para descrever o nível de capacidade e de qualidade cognitiva e/ou emocional de um indivíduo. Essa definição pode ser avaliada a partir da forma como esse indivíduo aprecia a vida e busca o equilíbrio entre o físico e o emocional.

A Organização Mundial de Saúde afirma que não existe definição "oficial" de saúde mental. [...] Admite-se, entretanto, que o conceito de Saúde Mental é mais amplo que a ausência de transtornos mentais. (PARANÁ *apud* OMS).

De acordo com os pesquisadores, Amparo, Brasil, Fukuda e Morais (2012), e com base nos autores Boruchovitch & Mednick (2002), Minayo & Souza (1989) e Rezende (1989), estudados por eles, o conceito e a recepção do que é saúde ou doença mental variam de acordo com a experiência de cada indivíduo e sua forma em lidar com cada situação.

No que se refere à concepção de doença mental, os itens "não se sentir bem", "estar triste", "magoado ou estressado", "não ter amigos" e a "noção de doença na cabeça" formaram um fator. Esse agrupamento, denominado desordem emocional, denota uma forte influência das experiências internas e relacionais na concepção de adoecimento mental. Vários autores (Boruchovitch & Mednick, 2002; Minayo & Souza, 1989; Rezende, 1989) pressupõem uma forte influência das ideias e experiências dos indivíduos sobre as concepções de doença e saúde mental, indicando que elas condicionam a forma como cada pessoa experimenta seus estados de saúde e doença e os comportamentos adotados para evitar o adoecimento e restabelecer a saúde. (BORUCHOVITCH; MEDNICK, 2002; MINAYO; SOUZA, 1989; REZENDE, 1989 *apud* AMPARO, BRASIL, FUKUDA; MORAIS, 2012).

Os autores Almeida Filho, Coelho e Peres (1999) também expressam cautela ao tratar sobre os conceitos de Saúde Mental e destacam a importância da análise

de vários pontos para que se possa apresentar uma definição mais aproximada desse conceito.

Em oposição ao caráter modular e fragmentado da “doença mental”, o objeto-modelo “saúde mental” só se define em sua configuração inteira, já que tem facetas, acidentes, zonas de sombra, ângulos ocultos, sendo que a mirada de cada um desses ângulos de fato não dá acesso ao conjunto de propriedades definidoras deste objeto. (ALMEIDA FILHO; COELHO; PERES, 1999).

Diante de uma visão geral e abrangente, o conceito de Saúde Mental e trabalho visa a avaliar as estruturas de trabalho oferecidas aos profissionais de todas as áreas e as possíveis causas de doenças do corpo e da mente desses trabalhadores. Sob essa designação, desde o início da década de 1980 existem, no Brasil, diversos estudos e pesquisas a partir de instituições públicas e privadas a fim de esclarecer o mercado de trabalho e o trabalhador sobre a importância dessas condições.

A instabilidade econômica, social, a manufatura e a vasta evolução tecnológica, a competição e a instabilidade, entre outras diversas possibilidades, retardam o processo de evolução e desenvolvimento dos cuidados com a saúde mental do trabalhador no Brasil e no mundo.

Seligmann [...] discute que as crises cíclicas do capitalismo e exigências desse modelo de acumulação sempre “determinam profundas repercussões na saúde geral e [...] também sobre a Saúde Mental. Sofrimento social, sofrimento físico e sofrimento mental, geralmente são indissociáveis [...]” Nesse sentido, ao considerarmos que o trabalho é fundamental na organização, reprodução e estabelecimento de relações sociais, destacando-se sua importância vital para os indivíduos, podemos defender que um trabalho que desestabiliza, desumaniza e provoca sofrimento, conseqüentemente levará esse trabalhador ao adoecimento mental. (SELIGMANN, 1986, p. 54 *apud* MACAMBIRA; TEIXEIRA, 2017, p. 7).

Nos anos 2000, Jorge Mattoso iniciava uma análise do conflito entre tecnologia e emprego e citava Schumpeter, autor de livros de análise econômica do século XX.

A inovação tecnológica assumiria uma dupla dimensão: por um lado, poderia favorecer o emprego em períodos de expansão do ciclo econômico e, por outro, poderia ser fator de agravamento durante as

depressões, quando emergiria o desemprego tecnológico, como parte do desemprego cíclico (Schumpeter, 1968). A expansão das atividades produtivas apareceria, então, como um processo de destruição criadora, em que um ciclo contínuo mais ou menos intenso de desestruturações e reestruturações criaria e destruiria empresas, atividades, empregos. (SCHUMPETER, 1968 *apud* MATTOSO, 2000, p. 116).

Jacques e Codo também apresentam essa forma de crescimento tecnológico e as dificuldades de acompanhar essa evolução.

[...] uma economia que rapidamente desenvolve o setor de serviços, um quadro de crescente instabilidade econômica e social, uma indefinição sobre os rumos da economia, gerando, entre outras coisas, reorganizações-relâmpago nas condições de trabalho, uma coexistência de diferentes modalidades de processos produtivos (da manufatura a automação) funcionando através de relações primitivas de trabalho ao lado de métodos modernos de gestão [...]. (JACQUES; CODO, 2007, p.18).

Entre os anos de 1950 e 1960 surgiu a ideia do industrialismo desenvolvimentista, que consistia em uma indústria preocupada com a saúde de seu funcionário. Mas essa preocupação ainda era muito rasa e se resumia somente a doenças e acidentes de trabalho que poderiam incapacitar os trabalhadores fisicamente e gerar prejuízos econômicos aos empresários.

Em uma enquete realizada pelo National Health Interview Survey nos Estados Unidos, em 1985, 11 milhões de trabalhadores se reportam ao estresse no trabalho; apenas o ruído excessivo na situação de trabalho foi mais citado que o estresse. (JACQUES; CODO, 2007, p. 18).

Durante muito tempo, a saúde mental dos trabalhadores foi negligenciada por sindicatos e empresas.

[...] as preocupações relativas à saúde mental, ao sofrimento psíquico no trabalho, ao medo da alienação, à crise do sentido do trabalho, não só deixaram de ser analisadas e compreendidas, como também foram frequentemente rejeitadas e desqualificadas. (DEJOURS, 2007, p. 38).

Escalas excessivas de trabalho, ambientes impróprios, condições adversas ao desenvolvimento da mão de obra e gestão inapropriada se tornam possíveis gatilhos para o aumento do estresse no ambiente de trabalho.

Segundo a Canadian Association, 60% dos trabalhadores daquele país apresentam estresse negativo e 35% citam efeitos psicológicos adversos, contra 11% que se reportaram a efeitos físicos adversos; os efeitos sobre a saúde mental ultrapassam os de ordem biomédica. (JACQUES; CODO, 2007, p.18).

Segundo dados levantados pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) em 2017, o estresse ocupacional, depressão e ansiedade estão entre as cinco principais causas de afastamento do trabalho no país, e de acordo com um levantamento feito pela International Stress Management Association (ISMA – Brasil), o Brasil é o segundo colocado entre os países mais estressados do mundo em um ranking com dez países. A nossa frente encontra-se os japoneses. Diante dos dados acima, apresentamos o conceito de estresse. Hans Seley define o estresse como algo presente em todas as doenças.

[...] o estresse é um elemento inerente a toda doença, que produz certas modificações na estrutura e na composição química do corpo, as quais podem ser observadas e mensuradas. O estresse é o estado que se manifesta através da Síndrome Geral de Adaptação (SGA). (HANS SELEY, 1959 *apud* FIGUEIRAS; HIPPERT, 1999).

Para Rodrigues, o estresse tem relação direta com a forma como o indivíduo se relaciona com o ambiente em que vive e a forma como esse mesmo indivíduo foi exposto a esse ambiente.

O estresse vem de uma relação particular entre uma pessoa, seu ambiente e as circunstâncias às quais está submetida, que é avaliada pela pessoa como uma ameaça ou algo que exige dela mais que suas próprias habilidades ou recursos e que põe em perigo o seu bem-estar. (RODRIGUES, 1997 *apud* FIGUEIRAS; HIPPERT, 1999).

Já Lipp compreende e define o estresse como um efeito psicológico a causas diversas. “O estresse é uma reação psicológica, com componentes emocionais físicos, mentais e químicos, a determinados estímulos que irritam, amedrontam,



excitam e/ou confundem a pessoa." (LIPP, 1984 *apud* FIGUEIRAS; HIPPERT, 1999).

Entre os transtornos relacionados à ansiedade, o Brasil é recordista, com 9,3% da população sofrendo com o problema. Isso equivale a cerca de 18,6 milhões de pessoas. Um salto de 14,9% entre os anos de 2005 e 2015.

De acordo com o manual DSM-5 (sigla em inglês para Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.<sup>a</sup> edição), dentro do conceito de ansiedade existem características e formas distintas de como esse transtorno pode se manifestar.

Os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e distúrbios comportamentais relacionados. O medo é a resposta emocional à ameaça iminente real ou percebida, ao passo que a ansiedade é a antecipação da ameaça futura. Obviamente, esses dois estados se sobrepõem, mas também se diferem, com o medo mais frequentemente associado a surtos de excitação autônoma necessários para lutar ou fugir, pensamentos de perigo imediato e comportamentos de fuga, e ansiedade mais frequentemente associada à tensão muscular e vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos cautelosos ou evitativos. Às vezes, o nível de medo ou ansiedade é reduzido por comportamentos pervasivos de evitação. (APA, 2013).

Já segundo os autores Friman, Hayes e Wilson, o conceito de ansiedade é indefinido e abstrato e normalmente é descrito metaforicamente.

[...] é um conceito impreciso, no sentido de que é empregado em sistemas explicativos diversos sob controle de eventos diferentes. Segundo Friman, Hayes e Wilson, essa imprecisão seria favorecida pelo constante uso de metáforas, o que acaba por dificultar a construção de definições consistentes dos fenômenos para os quais os cientistas se voltam. Mesmo em um sistema explicativo avesso ao uso de metáforas, porém, o problema da imprecisão aparece. (FRIMAN; HAYES; WILSON, 1998 *apud* COELHO; TOURINHO, 2008).

De acordo com o Manual de Saúde Mental (1994), "O que caracteriza quase todos os transtornos mentais é a presença do sintoma ansiedade, o qual assume papéis diferentes segundo o tipo de enfermidade." (ASIOLI; SARACENO; TOGNONI, 1994, p. 18).

Sobre a depressão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) emitiu um alerta informando que, até 2020 ela será a doença mais incapacitante do mundo.

De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), entre 20% e 25% da população tiveram, têm ou terão um quadro depressivo em algum momento da vida.

A depressão é destacada como alarmante, pois afeta cerca de 322 milhões de pessoas no mundo, segundo relatório da OMS apresentado em 2017. Entre os anos de 2005 e 2015, esse número cresceu 18,4%. O Brasil é o país com maior preponderância de depressão na América Latina e o segundo maior entre as Américas, ficando atrás somente dos EUA, que têm 5,9% de depressivos.

Segundo o Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a depressão é uma doença mental tratável experimentada por um em cada seis adultos ao longo da vida. Sobre a depressão, de acordo com o DSM-5, existem sete possíveis formas de manifestação da doença. Transtorno depressivo maior (MDD), depressão com características melancólicas, depressão com características catatônicas, depressão atípica, transtorno afetivo sazonal (SAD), depressão pós-parto, transtorno depressivo não especificado de outra forma (NOS).

A mais conhecida forma de manifestação da doença é o Transtorno depressivo maior (MDD), chamado normalmente somente de depressão.

O transtorno depressivo maior é definido na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DMS-IV-TR). Uma lista de verificação de depressão delineando os sintomas inclui o seguinte:

- Tristeza, vazio, humor deprimido
- Falta de interesse ou prazer em atividades anteriormente encontradas prazerosas
- Necessidade reduzida ou aumentada de sono, energia
- Apetite reduzido ou aumentado
- Dificuldade em se concentrar, prestar atenção, tomar decisões
- Pensamentos de prejudicar a si mesmo ou a outros (APA, 2014).

No caso dos transtornos mentais, a depressão pode ser a principal doença ou parte dos sintomas de outro transtorno mental. “A depressão pode ser parte de uma sintomatologia neurótica, assim como uma manifestação (a principal) de uma psicose afetiva ou o sintoma de uma demência (nas psicoses orgânicas).” (ASIOLI, SARACENO; TOGNONI, 1994, p. 18).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Seguro Social brasileiro (INSS), os transtornos mentais estão entre as principais causas de perdas de dias no trabalho. Essa situação vem se tornando cada vez mais comum e prejudica não somente o trabalhador de forma direta, mas também os lucros industriais de forma indireta.

Nos últimos anos, o adoecimento mental se manteve como a terceira principal causa de concessão de benefício auxílio-doença por incapacidade laborativa no Brasil. Mais de 203 mil novos benefícios foram concedidos por ano, sendo que 6,25% foram considerados pela perícia previdenciária como relacionados ao trabalho. (FISCHER; SILVA JUNIOR, 2015, p. 736).

Em relação aos indicadores que exercem forte influência sob o processo de evolução e agravamentos ou processo de cura das doenças mentais, o livro Manual de Saúde Mental (1994) menciona diversas características hereditárias, individuais, mas uma aparece em destaque: as condições oferecidas pelas empresas que contratam esses profissionais.

Compreendidos nas características materiais, organizativas e de estilo de trabalho da equipe:

- recursos materiais (espaço, medicamentos, quantidade de pessoal, transporte, etc.),
- organização (distribuição do tempo de trabalho entre atividades burocráticas, administrativas, médicas, reabilitatórias, sociais; acesso do serviço para a população; integração entre serviço e outras estruturas de saúde),
- estilo de trabalho (nível de hierarquização da equipe, nível de conflito entre os membros da equipe, rigidez e flexibilidade dos papéis profissionais, capacidade da equipe de exercer autocrítica e possibilidade de discussão aberta entre os membros etc.). (ASIOLI; SARACENO; TOGNONI, 1994, p. 22)

Em conclusão aos conceitos gerais, as doenças mentais são a terceira maior causa de afastamentos do trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em um relatório apresentado em 2017, entre os anos de 2012 e 2016, mais de 17 mil casos de concessão de auxílio-doença e de aposentadoria por invalidez foram registrados por esse motivo.

### 3.1.1 A discussão sobre saúde mental aplicada ao universo dos jornalistas

Insegurança profissional e instabilidade econômica são motivos comuns para o aumento do estresse. Pressão excessiva, escalas irregulares, falta de estrutura de trabalho, pouco tempo para lazer, vida sedentária, alimentação e sono irregulares etc podem agravar essa situação. Enquadrar a profissão diante das características encontradas não é algo difícil.

O estresse é o maior problema de saúde e segurança que afeta os trabalhadores do setor de mídia, mas muitos chefes não o tratam com a mesma seriedade que os riscos mais tangíveis. No entanto, os funcionários que sofrem de estresse, depressão ou ansiedade relacionados ao trabalho levam em média 29 dias sem doença por ano. O custo anual para os empregadores em toda a economia do Reino Unido é de £ 3,7 bilhões. (NATIONAL UNION OF JOURNALIST, 2017).

Todos os anos o site americano especializado em empregos, CarrerCast, publica o ranking das melhores e piores profissões. Desde 2010, jornalista/repórter aparece entre as 200 piores profissões do mundo. Naquele ano, a revista usava três parâmetros de avaliação: condições de trabalho; remuneração; possibilidade de crescimento profissional. A partir de 2011, passaram também a usar nível de estresse, competitividade e risco à segurança pessoal.

Em 2010, jornalista/repórter ocupava a 16ª pior posição no ranking das piores profissões. Em 2011, passou para o 13º lugar. A partir de 2012, começou a aparecer entre as cinco piores. Até que, em 2013, alcançou o 1º lugar. Em 2014, tornou-se a segunda colocada, mas, em 2015, voltou novamente ao topo, mantendo-se na liderança negativa até 2017. Em 2018 e em 2019, de acordo com dados do site CarrerCast, o jornalismo ficou ranqueado em 3º lugar entre as piores profissões do mundo.

Essa lista apenas reforça como são elevados os níveis de fadiga mental aos quais os jornalistas são expostos. Destaco as dificuldades em encontrar dados específicos sobre o vínculo entre jornalistas e saúde mental, em nosso país.

### 3.2 AS GRANDES TRAGÉDIAS E O JORNALISMO/JORNALISTAS

Os jornalistas frequentemente testemunham o sofrimento humano, seja cobrindo desastres em massa ou atrocidades individuais; no entanto, pouco se sabe sobre o impacto de tal exposição na saúde mental desses profissionais.

Quando um veículo envia um jornalista para realizar a cobertura de um evento de grande escala como uma tragédia, surge a ideia de que esse profissional se manterá em uma “realidade paralela” ao ocorrido. Mas o jornalismo ainda é produzido por homens, e nem sempre esses estão preparados psicologicamente para lidar com situações de maior impacto. Assim, esses profissionais deparam com um mar de sentimentos diante do processo de cobertura.

Reportagens de tragédias, como grandes incêndios ou a queda de um avião, normalmente trazem relatos de muita dor e sofrimento de amigos e familiares das vítimas. São dezenas de repórteres diante de um cenário caótico, buscando um “furo noticioso”. Essa situação pode abalar este profissional.

Na Inglaterra, damos a isso o nome de death knock [“o golpe da morte”], tradicionalmente visto como um ritual de passagem para jovens jornalistas em início de carreira, de forma a verificar se serão suficientemente fortes para os futuros golpes emocionais que a profissão implica. Frequentemente, essa pode ser uma experiência muito perturbadora e traumática para o jovem repórter; a memória pode permanecer encravada no cérebro como uma espinha sob a pele, para o resto da vida – para não falar do impacto que esse tipo de atitude tem sobre o familiar da vítima. (BRAYNE, 2018, p.5).

Essas preocupações acerca dos impactos causados pelas coberturas de grandes tragédias ainda são muito recentes e exigem preparo por parte dos profissionais e compreensão por parte dos veículos.

Dito de outro modo, essa é uma agenda que envolve tanto o jornalismo do trauma como os jornalistas que o noticiam. Por um lado, hoje em dia os jornalistas precisam compreender o tipo de acontecimentos que estão a cobrir; como entrevistar e como enquadrar a narrativa. Existe uma enorme necessidade de compaixão e visão, para educação e formação. Por outro lado, é também imperativo que os jornalistas e as organizações compreendam o impacto que a cobertura do trauma pode ter naqueles que “apenas” fazem essa cobertura ou lidam com esse tipo de materiais – aquilo que noutras profissões de socorro e ajuda é denominado traumatização “secundária” – e a necessidade de

estarem apoiados e preparados para esse tipo de experiência. (PEARLMAN; MACLAN, 1995 *apud* BRAYNE, 2018, p. 7).

Os traumas dessas coberturas podem refletir não somente na vida desse profissional, mas também nas pessoas que o rodeiam e até em uma sociedade como um todo. O trauma pós-tragédia pode atingir até o repórter mais experiente, tamanha empatia e preocupação em reportar a dor do outro da forma mais honesta possível. "O trauma atinge também os jornalistas, que têm especial necessidade de compreender como o modo como reportam o trauma pode ajudar a definir e a minimizar a dor dos outros." (BRAYNE, 2018, p. 8).

Pesquisadores no campo do estresse traumático no Ocidente começaram a realizar um levantamento sobre as marcas deixadas por coberturas traumáticas. Até 15 anos atrás, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) não era nem reconhecido como um distúrbio grave.

O Dart Center da Columbia University, em Nova York, é um centro de recursos sobre o tema do jornalismo e do trauma. Ele fornece orientação sobre como relatar eticamente incidentes trágicos e/ou traumáticos, bem como para proteger-se dos efeitos nocivos.

O centro publicou em 2016 uma análise de mais de duas dezenas de estudos realizados entre 2001 e 2014 que incluíram jornalistas de todo o mundo e de outros meios. A pesquisa mostrou coletivamente que de 80 a 100% dos jornalistas foram expostos a eventos traumáticos relacionados ao trabalho. Esses incluem incêndios, assassinatos, desastres, guerras e baixas em massa. "Uma minoria significativa dos expostos está em risco de problemas psicológicos a longo prazo, incluindo PSPT, depressão e abuso de substâncias." (BRAYNE, 2018, p. 12).

Sobretudo é importante salientar novamente que a cobertura de uma tragédia não necessariamente causará um trauma negativo nesse jornalista em seu processo de cobertura.

A Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT), é importante notar, não constitui, de modo algum, a mais provável consequência de uma experiência traumática. Depressão, ansiedade, problemas de relacionamento, abuso de drogas ou álcool são consequências muito mais prováveis para quem vivencia um trauma profundo. Pode também acontecer o oposto, pois a experiência do trauma pode, a longo termo, suscitar uma maturação pessoal e a uma recuperação total. Daqui provém o termo "maturidade pós-traumática" (post-traumatic growth). O diagnóstico de PSPT (American Psychiatric Association 2003) não deixa de ser um diagnóstico útil de

sensibilização da sociedade para a realidade das respostas de stress pós-traumático à tragédia e ao desastre [...]. (BRAYNE, 2018, p. 8).

### 3.3 ESTRUTURA DE SAÚDE OCUPACIONAL

Em atenção a uma série de fatores, dentre eles, para que houvesse um ambiente de trabalho saudável, com o cumprimento de direitos e deveres tanto por parte do empregador quanto por parte do empregado, desenvolveu-se a Legislação Trabalhista. Foi então que surgiu o conceito de saúde ocupacional, analisando-se o crescente número de doenças que podem ser desenvolvidas a partir de problemas relacionados ao emprego e dentro de um contexto de preocupação sobre a importância da medicina no trabalho.

Dentre os problemas considerados doenças ocupacionais, cabe ao empregador:

- a) cumprir as normas regulamentares sobre segurança e medicina do trabalho;
- b) elaborar e divulgar ordens de serviço sobre segurança e saúde no trabalho;
- c) informar aos trabalhadores:
  - os riscos profissionais nos locais de trabalho;
  - os meios para prevenir e limitar tais riscos e as medidas adotadas pela empresa;
  - os resultados dos exames médicos, exames complementares e diagnósticos;
  - os resultados das avaliações ambientais realizadas nos locais de trabalho.
- d) permitir que os trabalhadores acompanhem a fiscalização da aplicação dos preceitos legais e regulamentares sobre segurança e medicina do trabalho;
- e) determinar os procedimentos que devem ser adotados em caso de acidente ou doença relacionada ao trabalho;
- f) dentro do campo da saúde ocupacional surge o termo: Saúde Mental Ocupacional.

Tanto a denominada saúde mental ocupacional como as ciências do comportamento buscam a gênese dos problemas de saúde mental dos trabalhadores no universo intra-individual, sendo o trabalho, suas condições e sua organização mero pano de fundo. Assim, ao abstrair as condições concretas de trabalho e, principalmente, as relações de trabalho, contribuíram para construir a explicação que "culpabiliza a vítima. (BERNARDO; SATO, 2005, p. 880).

Apesar da existência de um conceito que proteja e defenda os direitos dos trabalhadores diante de uma doença mental em decorrência de problemas profissionais, essas doenças do campo psicológico dificilmente se manifestam na forma física. Por isso, o trabalhador ainda depende da avaliação de um médico psiquiatra para comprovar a existência de problemas e, além disso, para relacioná-los a traumas causados no trabalho.



## 4 A SAÚDE MENTAL NO JORNALISMO

Neste capítulo inicia-se o processo de análise, onde serão expostos os relatos trazidos pelos jornalistas no podcast Doc. Bastidores do Jornalismo, desenvolvido no ano de 2018, na disciplina de Projeto Experimental 1 – Rádio, da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS e relacionados a marcas deixadas pela cobertura de grandes tragédias, que neste trabalho caracterizam-se por fatos que tiveram ao menos 15 vítimas fatais. Adiante serão apresentados os questionários encaminhados para os jornalistas e para alguns dos grandes veículos de comunicação, assim como as respostas trazidas por cada um.

### 4.1 A COBERTURA DE TRAGÉDIAS POR JORNALISTAS NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Durante o primeiro semestre do ano de 2018, na disciplina de Projeto Experimental 1 – Rádio, da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS, desenvolvi o projeto de um podcast em primeira pessoa em que relatos de jornalistas se revezavam na construção de histórias sobre coberturas de tragédias.

O trabalho consistiu na produção de quatro episódios de conteúdo de áudio em que, em cada um, foram entrevistados jornalistas que trabalharam na cobertura das seguintes tragédias: queda do avião da Chapecoense, incêndio na Boate Kiss, acidente do voo TAM 3054 e queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan na cidade Erechim.

Para o desenvolvimento deste trabalho, entrevistei 19 jornalistas que participaram da cobertura de uma ou mais tragédias das citadas acima. As entrevistas ocorreram de forma presencial ou por telefone, e nelas solicitei que eles relatassem o processo de cada trabalho, desde o início, quando foram acionados pela empresa em que trabalhavam na época, até o fim das jornadas. Para saber mais sobre os sentimentos carregados por eles após os trabalhos, questionei-os sobre as marcas deixadas pelas coberturas, tanto no quesito aprendizado / experiência profissional, quanto no que diz respeito às mudanças em suas vidas pessoais.

A queda do avião da Chapecoense ocorrida no dia 28 de novembro de 2016, foi uma das maiores tragédias da aviação brasileira. O voo LaMia 2933 tinha como

destino o Aeroporto Internacional José María Córdova, em Rionegro, Colômbia, mas acabou ficando sem combustível e caiu em uma região chamada Cerro El Gordo. Nele estavam 77 pessoas entre tripulação, atletas, equipe técnica e diretoria do time brasileiro da Chapecoense, jornalistas e convidados. Ao todo, foram 71 mortos e seis sobreviventes. A equipe viajava para Medellín, onde disputaria o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana, contra o Atlético Nacional. Para tratar sobre a cobertura dessa tragédia, conversei com os jornalistas Bruno Alencastro (jornal Zero Hora), Rodrigo Lopes (jornal Zero Hora), Darci Debona (jornal Diário Catarinense), Felipe Nabinger (Rádio Guaíba), Guilherme Testa (jornal Correio do Povo) e Guido Nunes (emissora SporTV).

O incêndio na Boate Kiss ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013. Na danceteria, localizada na cidade de Santa Maria (RS), foram instaladas espumas de isolamento acústico de forma indevida. Houve a apresentação de algumas bandas naquela noite e um dos integrantes da última banda a tocar acendeu um sinalizador de uso externo dentro do local, ateando fogo na espuma de isolamento de som. A fumaça tóxica produzida causou a morte de 242 jovens e deixou mais de 680 feridos. Para tratar sobre a cobertura dessa tragédia, conversei com os jornalistas Tarsila Pereira (na época, do jornal Correio do Povo), Marcelo Canellas (emissora Globo), David Coimbra (jornal Zero Hora), Lauro Alves (jornal Zero Hora) e Viviana Fronza (Rádio Gaúcha).

O acidente com o voo da TAM de número 3054 aconteceu no dia 17 de julho de 2007. O avião, que partiu do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, e tinha como destino o Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, não conseguiu frear no momento do pouso, ultrapassou os limites da pista, atravessou a Avenida Washington Luiz, uma das principais de São Paulo, e colidiu com o prédio da TAM Express e com um posto de gasolina. Com o impacto, o avião pegou fogo. O acidente deixou 199 mortos, sendo 187 passageiros/ tripulantes e 12 pessoas em solo. Para tratar sobre a cobertura dessa tragédia, conversei com os jornalistas José Luis Costa (jornal Zero Hora), Mirela Nascimento (que na época trabalhava no jornal Zero Hora), Humberto Trezzi (jornal Zero Hora) e André Machado (na época, funcionário da Rádio Gaúcha).

A queda de um ônibus escolar cheio de crianças em uma barragem na cidade de Erechim ocorreu no dia 22 de setembro de 2004. Na ocasião, um ônibus cheio de estudantes, conduzido em alta velocidade, acabou derrapando sobre uma ponte e

caiu na barragem da Corsan, deixando 17 mortos. Para tratar sobre a cobertura dessa tragédia, conversei com os jornalistas Carlos Etchichury (jornal Zero Hora), Humberto Trezzi (jornal Zero Hora), Léo Gerchmann (que na época trabalhava no jornal Folha de São Paulo) e Aline Custódio (jornal Zero Hora).

Este trabalho suscitou a discussão sobre os reflexos que essas coberturas tiveram e têm na vida dos jornalistas que concederam as entrevistas. Ao longo de cada depoimento, os jornalistas narraram os fatos, as sensações, como viram e sentiram cada cobertura e também as lembranças carregadas após cada uma dessas coberturas. Essas memórias então contadas levantaram a discussão presente neste trabalho, apresentando assim a importância de tratarmos sobre esse tema.

Nesta etapa do trabalho, vou degravar parte das entrevistas. São trechos em que encontrei reflexos, percepções, avaliações ou relatos que tenham alguma ligação com saúde mental, impactos psicológicos, traumas e ou lembranças, conforme discorreremos nos capítulos anteriores. Esses trechos foram escolhidos em detrimento de outros que abordam aspectos que, embora mereçam destaque, não são exatamente fundamentais para a discussão que se estabelece neste trabalho.

Na cobertura do acidente da Chapecoense, ocorrida em novembro de 2016, os jornalistas que relataram, em algum momento das entrevistas veiculadas, impacto emocional ou abalo foram: Bruno Alencastro, Darci Debona, Felipe Nabinger, Guilherme Testa e Guido Nunes.

O jornalista Bruno Alencastro, que na época cobriu o fato para o jornal Zero Hora e foi enviado para Medellín, relatou o que sentiu enquanto produzia conteúdo. Ele destaca uma situação em que diz ter se emocionado, quando fotografou a homenagem feita pelo Clube Atlético Nacional, de Medellín, àqueles que morreram na queda do avião, e salientou, ao longo de nossa entrevista, as impressões que restaram em sua lembrança:

Esse dia, ele foi infinito pra mim. [...] É mais do que isso, é um dia que eu lembro até hoje, porque foi, sem dúvida, a principal cobertura jornalística que eu vivenciei. Eu torcia, na verdade, para chegar lá e muita coisa já ter sido feita. Nesse meio tempo, a gente foi tentando se informar e eu vi que, realmente, tiveram muitos mortos e eu só pensava assim “nossa, que quando a chegue lá, a perícia, os bombeiros já tenham feito a maior parte do trabalho, senão todo o trabalho, para não ser tão chocante assim pra eu deparar com aquela cena”. Chegando lá, foi muito impactante, foi muito forte tu ter

esse imaginário de tragédia aérea, da ficção ou então das próprias notícias que a gente vê, mas que parece que nunca é tão evidente, é tão real, até que tu chega no local de uma tragédia aérea e tem esse choque e tu fica imaginando “que tragédia, que fatalidade, por que isso tem que acontecer?”

[...] no dia em que teria a partida da Chapecoense e o Atlético Nacional aconteceu uma grande homenagem, foi a noite da grande homenagem no estádio, pra mim esse foi o dia derradeiro. Foi o dia em que eu (*Bruno suspira e embarga a voz*) chorei trabalhando. [...] entramos no estádio, fizemos o mesmo percurso que os jogadores fariam se fossem disputar aquela partida [...], e quando a gente pisou no gramado não teve como conter a emoção. [...] ali eu desaguei, comecei a chorar. [...] obviamente eu tinha que trabalhar, logo, eu separei o meu equipamento, comecei a caminhar pelas pessoas, a fazer fotos, e a tentar ser objetivo nessa hora, ser racional e fazer o meu trabalho, mas fui trabalhando e chorando ao mesmo tempo, assim que eu trabalhei naquela noite. Até que uma hora algumas pessoas viram e eu estava com um crachá do Brasil e uma família veio me consolar, me deu um abraço e ficou um tempo comigo [...]. Foi uma cobertura que mexeu muito comigo [...] e que, sem dúvidas, por toda a experiência que eu tive, certamente me deixou marcas para a vida toda. (ALENCASTRO, 2018).

O jornalista Darci Debona, que cobriu a tragédia pelo jornal Diário Catarinense e esteve presente na Arena Condá, menciona que só não estava naquele mesmo voo porque sua documentação estava vencida, sendo assim, um colega foi no seu lugar. Ele relata o que passou em sua cabeça quando soube do ocorrido, conta que alguns amigos estavam entre as vítimas e descreve como foi ir aos velórios.

Minha esposa me olhou e disse “o que foi?” e eu disse “caiu o avião da Chape”, daí ela me abraçou e disse “que bom que a tua carteira estava vencida”, a carteira de identidade, porque eu também era para ir na viagem, né, e eu não fui porque minha carteira era antiga e o meu passaporte também estava vencido. [...] Aí acabou indo um colega meu lá de Florianópolis, o André Podiacki, que tinha estado aqui há pouco, no final do Catarinense [...], e ele foi no meu lugar, então vem aquela coisa assim “bah, por quê?”, tipo, alguém, de repente morreu no teu lugar, é meio louco isso. Tu fica triste e aí pensei nos meus filhos de 6 anos e é um turbilhão que tu tem que lidar com aquilo, né? Ao mesmo tempo é bem difícil de tu produzir matéria numa situação dessas, tu tá muito envolvido [...]. Aí depois teve aquela semana e no final de semana ia ter o velório em Chapecó, aí ia ter uma celebração em Florianópolis [...] aí perguntaram se alguém daqui queria ir pra lá e eu aceitei pela ligação, era uma das pessoas que tinha mais ligação com eles [...] eu acho que eu tinha que estar presente para poder me despedir deles lá, eu fui de avião e voltei. Mas no domingo eu não consegui ir nos enterros, eu psicologicamente não me sentia bem. (DEBONA, 2018).

O jornalista Felipe Nabinger, que cobriu a queda do avião da Chapecoense pela Rádio Guaíba, noticiou os fatos diretamente da Arena Condá. Ele destaca em seu relato as homenagens aos mortos feitas de forma simultânea no estádio do clube Atlético Nacional e no estádio da Chapecoense, e diz que chorou no meio do campo, abraçado a um colega e amigo.

Eu lembro que, no dia em que fizeram a homenagem, que seria o dia do jogo, que fizeram a homenagem na Colômbia, no Atanásio Girardo, no estádio do Atlético Nacional, e fizeram uma também na Arena Condá, que elas foram simultâneas, nossa, na hora em que as fotos passaram no telão [...], naquele momento, foi uma homenagem tão bonita, tanto a que eu ouvia do estúdio, o pessoal narrando na Colômbia, quanto a que eu estava vendo in loco e que eu tinha que passar aquela emoção, que ali foi o momento em que eu realmente quase desabei. Foi pior do que o velório! [...] naquele dia eu liguei pra casa do gramado, o Matheus Trindade, colega da Bandeirantes, que estava fazendo a cobertura pela rádio Bandeirantes, a gente é amigo pessoal, então a gente tem um relacionamento de amizade também fora do trabalho, a gente tava ali e teve um determinado momento [...] que a gente se encontrou ali e a gente se deu um abraço e começou a chorar. (NABINGER, 2018).

O fotojornalista do jornal Correio do Povo, Guilherme Testa, realizou a cobertura na cidade de Chapecó, mais precisamente na Arena Condá. Ele menciona uma situação em que viu uma criança que chorava muito no colo do pai e diz que naquele momento chorou também.

[...] quando eu cheguei lá, um pôr do sol rosa com fumaça verde, torcida chorando e cantando e faixas do “vamo Chape” e de cachecol e aquela gritaria e comoção e eu não consegui pensar em outra coisa “eu vou fazer isso, eu tenho que registrar isso” e fui tocando e fui tocando, quando eu parei e olhei uma criança, a criança chorava no colo do pai. Eu não sei qual era a relação daquela criança, eu não sei o que aquela criança era, quem ela era. Eu vi que ela estava no ombro do pai, eu três degraus acima e a criança chorava no colo do pai. Ali eu parei assim e pensei “car@&%”, o que eu tô fazendo?” e eu olhei aquilo e digo “Meu Deus”, sabe? Ali, aquela imagem daquela criança ficou na minha cabeça até o final, até o final e quando começaram as homenagens no telão, aquele garoto mexeu na minha cabeça e eu chorei. Eu chorei duas vezes, foi naquele dia, naquele momento e no dia do enterro. [...] eu não vi nenhuma criança que nem aquela que eu vi, e eu não fotografei ela, eu não tenho a imagem dela chorando, porque eu não tive coragem. Aí vem toda a questão, ou tu ajuda ou tu fotografa. Eu não tenho intimidade para ajudar e eu não tenho coragem de fotografar, eu fiquei imóvel. Eu lembro exatamente da cena, a minha cabeça fotografou aquele momento. Eu tenho poucas coisas que eu carregou do Correio do

Povo pra casa, mas esse foi um dos dias que eu levei embora. (TESTA, 2018).

Guido Nunes, jornalista que participou da cobertura da queda do avião da Chapecoense pela emissora SporTV, também esteve presente na Arena Condá. Ele se lembra do momento em que conversou com Dona Elaídes, mãe do goleiro Danilo, um dos mortos na tragédia. Guido conta como foi conversa e explica o momento em que chorou abraçado a ela no meio do estádio.

A gente chegou na Arena e era como se ali tivesse todo mundo ali junto, porque essa foi uma cobertura, que pra mim foi, de longe, a mais difícil da minha carreira, mas ela tinha um grau de envolvimento diferente talvez do que se fosse outra tragédia, porque além de ter sido a maior tragédia [...], de ter um time inteiro de futebol que tava indo para uma final, a história em si da ida da Chapecoense para a Colômbia, aquela coisa de time pequeno, time que representa a cidade e tudo mais a gente tinha colegas nossos, né! [...] a sensação que a gente tinha era de que a gente tava muito perto do que aconteceu [...], poderia ser mesmo qualquer um de nós, porque é muito a nossa rotina. [...] então, é impossível a gente separar, por mais que na faculdade a gente aprenda “ah, tem que ter aquela questão do desprendimento, de se colocar um pouco afastado na notícia e tal”, ali era impossível!

[...] eu vi que tinha um grupo de pessoas entrevistando alguém, mas de onde eu estava, eu não conseguia identificar quem era e tal, aí eu falei para o meu produtor, eu falei “Grijó, tenta descobrir quem está falando lá que, conforme for, você traz aqui pra gente fazer uma participação no Seleção Sport TV”. Quando ele chegou, ele falou “essa daqui é a Dona Elaídes, é a mãe do goleiro Danilo”, e eu não tive tempo de conversar com ela antes, geralmente nas entrevistas, sempre tem o tempo de conversar antes e tal, e ali, de fato, eu não tive tempo nenhum de nada. Então eu conversei com ela, eu falei “Dona Elaídes, meus sentimentos, a gente tá fazendo essa participação no Seleção, a senhora gostaria de participar e tal” e ela falou “não, tudo bem! Eu falo sem problemas”, então, ali a minha intenção era muito mais saber dela ali como mãe do goleiro Danilo, que também foi um personagem, né, foi uma defesa dele que garantiu a ida da Chapecoense para a final, enfim, e ali ela acaba fazendo aquela pergunta pra mim, ela faz essa pergunta, né! “ah, posso te fazer uma pergunta? Como que você tá se sentindo?” e aí, é o tipo da pergunta que não tem resposta, né! E quando ela perguntou aquilo ali, a gente já tava há alguns dias envolvido nessa cobertura, e foi quando eu desabei, que eu não consegui controlar e ela veio e me deu aquele abraço [...]. [...] quando eu voltei, eu lembro que, quando eu cheguei em casa, a primeira coisa que eu fiz foi dar um abraço e beijar a minha esposa, eu fiquei abraçado e chorando com ela por meia-hora só dizendo “te amo”, depois eu fui também na casa dos meus pais, fiquei abraçado também. É como tentar, querer, é impossível né, mas para tentar, os momentos que eu acabei ficando ausente por causa da profissão, você tenta compensar de

alguma forma ali depois de tudo o que a gente viveu [...]. (NUNES, 2018).

Na cobertura do incêndio da Boate Kiss, ocorrida em janeiro de 2013, os jornalistas que relataram impactos emocionais ao longo e após o desenvolvimento do trabalho foram: Tarsila Pereira, Lauro Alves e Viviana Fronza.

A jornalista Tarsila Pereira, do Jornal Correio do Povo, relatou a perspectiva de uma fotógrafa frente a uma das maiores tragédias do país. Ela destaca em seu relato a cobertura dos velórios, mas salienta um em especial, em que uma mãe velou os dois filhos mortos na mesma tragédia.

[...] após eu conseguir chegar até a porta da Boate Kiss e conseguir chegar dentro, o chefe dos bombeiros pediu pra gente não fotografar porque iam ser retirados de dentro a boate os últimos corpos para irem para o ginásio onde estavam todos os outros corpos, então eu peguei o terceiro caminhão de corpos sendo carregado. E, assim, é uma imagem que ficou na minha cabeça, impactante. [...], foi bem impactante, porque tu não está preparado para ver tantos jovens mortos juntos, e era uma fila indiana, eles foram retirados como se tu tivesse retirando, sei lá, um gado. [...] o pessoal do exército entrava de quatro em quatro, aí saiam dois puxando pelos pés e dois pelas mãos, carregando os corpos, e caminhavam até dentro do caminhão, e iam empilhando as pessoas. Isso me impactou bastante porque eu nunca tinha visto tanta gente morta junto e ali tu também vê a condição dos corpos, como eles estão vestidos. As meninas estavam todas vestidas para uma festa, um pessoal da minha idade, vinte e poucos anos, os caras bem arrumados também, então tu fica muito impactado que até algumas horas aquelas pessoas estavam vivas, curtindo a noite, e agora elas estão mortas, sendo carregadas para dentro de um caminhão.

Eu fiz o velório coletivo, a gente fez alguns velórios em capelas também. Naquele momento, o teu psicológico não pesa, porque tu tá muito focado em trabalhar. Tu tá muito focado em fazer tuas imagens e enviar para o jornal, o online tá pedindo, outros jornais estão pedindo, São Paulo tá te ligando, então tu tá fazendo tudo muito rápido e sem tempo para pensar sobre como é que tu tá te sentindo sobre aquilo dali. [...] se eu fosse lembrar de um momento que foi complicado, de chorar fotografando literalmente, foi quando a gente foi fazer um velório numa capela (*Tarsila começa a chorar enquanto relata o fato*), a gente foi fazer uma mãe que ela perdeu os dois filhos e foi muito triste, eu lembro assim, de fotografar chorando, sabe. Nossa, foi muito triste e ela numa bondade, ela era uma pessoa muito iluminada. Ela recebeu a imprensa no velório dos filhos dela. (*Tarsila chora intensamente*) Eu lembro que chegavam os amigos deles e ela abraçava, sabe, é muito triste!

[...] eu vi vários colegas chorando também, acho que no jornalismo ninguém vê o quanto a gente carrega essas histórias [...]. Durante o meu período em Santa Maria, apesar de eu ficar muitas vezes muito emocionada com as situações, eu consegui me manter bem, sabe,

eu tava conseguindo dormir à noite, também, eu andava exausta né, mas aí quando eu retornei a Porto Alegre, eu acho que eu comecei a sentir mais os impactos dessa cobertura na minha saúde mental [...]. Eu lembro exatamente que na primeira noite que eu voltei pra Porto Alegre, na minha primeira noite, eu morava sozinha ali no centro de Porto Alegre, uma amiga minha veio dormir comigo, eu não queria dormir sozinha naquela noite, não queria ficar sozinha e eu fiquei algumas noites dormindo com a luz acesa, e olha que eu nunca tive medo de escuro. Eu demorei muito tempo para voltar em festa também, e, se voltasse, não ficava afastada da porta de saída. Eu acho que só tive dimensão do que me afetou a Boate Kiss quando eu voltei para Porto Alegre, voltei a minha vida normal, vamos dizer assim, a minha rotina do jornal, de ficar ansiosa, de ter problemas para dormir com a luz apagada. Eu ainda mantenho alguns hábitos de entrar em algum lugar e pensar como é que eu vou sair dali. (PEREIRA, 2018).

O fotojornalista Lauro Alves fez a cobertura pelo jornal Zero Hora. Entre as referências em relação a lembranças e saúde mental, destaca a recomendação sobre coberturas como a realizada na ocasião.

É muito difícil, com tudo o que eu já falei, tu não sofrer junto, tu não participar. Por mais que tu vá cobrir uma coisa lá em outro país, tu te envolve também. Tu tá vendo aquilo dali, tu tá cheirando aquilo dali, o fotógrafo e o jornalista num geral, mas falando da classe dos fotógrafos, ele nunca viu nada pela televisão. A gente nunca viu um protesto pela televisão, a gente nunca viu um assassinato pela televisão, a gente viu o assassinato, a gente sentiu o cheiro do sangue, a gente às vezes pisa no sangue dos outros, às vezes a gente ajuda a tentar ressuscitar alguém. A gente tá lá e a gente não tá sendo espectador, a gente tá fornecendo aos espectadores, então tu tem que se treinar, tem que se habituar a amar a vida, respeitar a vida e conseguir conviver com esse molho tártaro e denso que é a cobertura. [...] cobrir esse tipo de situação como a da tragédia da Kiss é uma coisa que te modifica, é uma coisa que nunca mais a minha vida foi a mesma depois desse dia, ela realmente mudou. Não tem como não mudar! [...] não tem como tu não ficar diferente, não tem como aquilo ali não te abalar, não tem como aquilo ali não te transformar em outra pessoa, então, o exercício do ser humano é fazer com que aquilo não te mate também. (ALVES, 2018).

A jornalista Viviana Fronza mora em Santa Maria e fez o trabalho pela Rádio Gaúcha. Ela destacou o recorte de memória com jovens mortos no Ginásio de Santa Maria, o que ocorreu após o incêndio. A jornalista também relembrou a perda da prima, uma das vítimas da tragédia.

[...] a cena que volta e meia vem na minha cabeça e que é a coisa mais horrível e que eu não gostaria de lembrar nunca na minha vida



é aquele momento que eu entrei naquele ginásio e contei aqueles 77 corpos. É uma lembrança de tudo o que eu vi naquela noite de janeiro, se tem uma coisa que seguidamente volta na minha cabeça e eu não sei por que, é aquela imagem daquele ginásio com aquelas pessoas lá. [...] por várias vezes naquele dia a gente sentou e chorou, [...] as pessoas do lado de fora desse ginásio imploravam pra gente entrar lá dentro, ver se a pessoa tava, se a gente podia trazer notícia, se não podia e pra mim o pior de tudo, eu não sabia o que pra mim, pessoalmente, ainda estava por vir. [...] meu celular ficou das três da manhã até as quatro da tarde plugado direto, e foi quando Porto Alegre deu sinal e disse “olha, já tá a equipe de Porto Alegre aqui, vocês podem descansar um pouco agora, desliguem o telefone, não precisam ficar plugados que a equipe de Porto Alegre vai dar suporte, os repórteres que vieram de Porto Alegre vão dar esse suporte para vocês”, e aí eu desliguei meu telefone, no que eu desliguei o meu telefone tocou, eu atendi e era o meu pai e ele me disse o seguinte: “olha mana, eu preciso que tu faça um favor para nós” e eu disse “pai, tu sabe onde é que eu tô? Eu não tô conseguindo pensar agora sobre outra coisa”, e ele me disse “eu sei onde é que tu tá, por isso que eu preciso de ti”, e eu disse “mas o que que houve?”, e ele disse “eu preciso que tu entre dentro do ginásio e veja se a tua prima tá aí!” e eu demorei pra entender e eu pensei “Mas que prima? Quem? Como assim? Como que vai ter alguém aqui dentro, da nossa família?” e aí meu pai me disse “não, a tua prima Letícia, filha do Airton e da Clarice! tu vai ter que entrar ali pra gente e ver se ela tá ali!”, e eu disse “olha pai, eu acho que eu não tenho condições de entrar”. Aí eu tive que entrar e me identificar, porque os meus parentes ainda não tinham conseguido vir pra cá, não tinham chegado, entrar ali e quando eu estava chegando perto do ginásio para pedir informações, enfim, eu não sabia o que fazer, o meu pai me ligou e disse “olha, se tu não conseguir entrar, tu não entra que os teus tios estão chegando ali e eles vão entrar ali e vão buscar informações” e eu disse “eu não consigo entrar, não tenho condições de ver se ela tá ali ou se ela não tá”, e depois acabou se confirmando que infelizmente ela também estava. Então, é uma coisa que eu vou carregar para o resto da vida de como uma tragédia impactou tanta gente assim. (FRONZA, 2018).

Na cobertura do acidente com o voo TAM 3054, ocorrida em julho de 2007, o jornalista André Machado, que cobriu o evento pela Rádio Gaúcha, relatou os impactos emocionais ao longo e após o desenvolvimento do trabalho. Ao podcast, uma das partes mais importantes do depoimento é quando André enfatiza o estado em que os corpos se encontravam quando foram retirados de dentro da aeronave. Ele citou ainda um amigo de infância, morto no acidente.

O mais angustiante pra mim nessa cobertura era saber que a melhor notícia que eu podia dar a qualquer pessoa é que o corpo de uma pessoa querida, de um parente, de um amigo havia sido identificado. [...] ali os corpos estavam totalmente carbonizados, era difícil inclusive ver um componente humano, né, a gente só via quando, em

algumas imagens, aparecia algum tipo de víscera ou alguma coisa assim. [...] a gente via carrinhos que passavam com os corpos, e você via justamente que as pessoas morreram sentadas, porque os corpos estavam dessa forma, enrijecidos, sentados. [...] eu tinha um amigo de infância que estava no voo que era o Paulo de Tarso Dresch da Silveira. Foi meu amigo durante a infância e na fase adulta nós perdemos contato, mas era um referencial que me deixava bem claro que qualquer um de nós poderia estar lá naquele instante. (MACHADO, 2018).

Na cobertura da queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan em Erechim (RS), ocorrida em setembro de 2004, a jornalista que relatou impactos emocionais ao longo e após o desenvolvimento do trabalho foi Aline Custódio, que na época noticiou os fatos para o jornal Zero Hora. No podcast, é possível verificar a voz embargada da jornalista, especialmente quando relata o velório de duas crianças, dois irmãos, e descreve a cena daquele pai, com as mãos sobrepostas aos caixões dos filhos, dando então seu último adeus.

[...] foi a primeira grande tragédia que eu cobri na minha vida, com mais gente, com criança envolvida, com família envolvida e por mais que eu tenha esquecido de partes do que a gente viveu ali, naquele momento, essas cenas assim de dor, isso eu não esqueci. Por exemplo, a gente ia jantar, os colegas, depois que terminava tudo iam jantar, mas não dava vontade de comer, não dava porque tu ficava lembrando da história. Eu lembro de outros repórteres rindo, dando risada, já tinha passado, acabou. Mas como eu ainda estava muito no início, aquilo ficou na minha mente. E toda a vez que eu vejo as fotos, eu me lembro da foto que saiu na capa do Diário (*jornal Diário Gaúcho*), por exemplo, eu era da Zero (*jornal Zero Hora*) na época, mas eu lembro do pai chorando e alguém agarrando ele. Era a foto da capa. Sempre me vem a imagem daquele outro pai com as mãos sobre o caixão das crianças, assim, eu sempre lembro daquela cena. Foi a primeira cena, (*Aline começa a chorar*) quando eu entrei nesse salão que eu não lembro mais se era uma igreja, e eu enxerguei ele no canto à direita, mais no meio, e na hora eu não tinha me tocado que era um pai de duas crianças, na hora parecia que ele estava descansando as mãos, mas não, ele estava realmente se despedindo dos filhos, né! [...] antes dessa história eu só lembro de uma outra que eu fiz em 2002, que foi uma jovem assassinada em Lajeado, não sei se vale a pena eu falar, mas foi a primeira história assim que me marcou também, porque eu sinto o cheiro do corpo dela até hoje! Quando eles tiraram ela do rio, e eu ainda sinto o cheiro do corpo dela sendo retirado, já estava há dois dias no rio, eu acho, ou um dia, eu não me lembro, mas eu ainda sinto. [...] eu fiquei alguns dias com dificuldade para dormir [...] porque eu sempre lembrava das crianças no caixão, eu dormia e sonhava com eles no caixão. [...] dizem pra gente que repórter não pode chorar né, o que eu acho uma grande mentira, porque na hora

em que eu deixar de chorar, eu deixo de ser repórter, eu deixo de sentir! (CUSTÓDIO, 2018).

#### 4.2 AS PERCEPÇÕES DOS REPÓRTERES SOBRE A ASSISTÊNCIA EM SAÚDE MENTAL PARA JORNALISTAS

Para mapear a percepção dos jornalistas que foram ouvidos no podcast, contatei-os com um questionário padronizado. Entrevista padronizada ou estruturada é um método que visa a buscar respostas a partir da produção de perguntas padronizadas para todos os entrevistados.

As **entrevistas estruturadas** são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996). Os questionários podem ser enviados aos informantes através do correio ou de um portador. Quando isso acontece deve-se enviar uma nota explicando a natureza da pesquisa. (BONI; QUARESMA, 2005, p.73)

Esse método busca realizar comparações entre os padrões de respostas dadas pelos entrevistados.

É empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente, entre outros. (GOMES; OLIVEIRA; ALCARÁ, 2016, p. 315)

Soma-se a isso, a minha busca sobre a assistência dos veículos de comunicação, eventuais campanhas, veiculações institucionais etc. A partir da revisão bibliográfica sobre saúde mental e jornalismo e sobre questões envolvendo transtornos e problemas de ordem psicológica, vamos inferir algumas construções sobre a relação entre a estrutura ou não dos veículos etc. A partir desse contexto, busquei as respostas dos entrevistados, realizando, assim, uma análise comparativa entre elas. Todos os jornalistas citados anteriormente a partir de depoimentos no podcast foram contatados. Entre eles, apenas Guido Nunes não respondeu ao questionário.

Nas respostas às perguntas, serão destacados os depoimentos com algum grau de ineditismo, distinção, diferença, originalidade ou relevância em detrimento aos demais. Assim, versões mais ou menos unânimes ou padronizadas serão apenas lembradas junto a outras, guardando espaço para os depoimentos mais marcantes.

#### **4.2.1 As orientações**

Ao serem questionados sobre eventuais orientações e parâmetros de ordem técnica quanto à saúde mental, percebi que os jornalistas, em sua maioria, informaram que as instruções e o amparado relacionado a esse quesito, quando ocorreram, foram em situações específicas e de forma bem superficial ou inexistente. A primeira pergunta encaminhada para os jornalistas foi: "Em algum momento da sua trajetória no veículo onde realizou a cobertura acima citada, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?"

Entre os jornalistas contatados, destaque para três respostas que desenvolveram reflexões sobre esse tipo de debate.

Tarsila Pereira, que na época realizou a cobertura da Boate Kiss pelo jornal Correio do Povo, diz não ter recebido assistência e ainda relatou ter sofrido perseguição por parte dos gestores do RH da empresa: "Em nenhum momento (recebeu assistência), inclusive quando precisei me afastar por recomendação do meu psiquiatra, eu fui perseguida por editores e diretores do setor de Recursos Humanos." (PEREIRA, 2019).

Bruno Alencastro já diz que o veículo Zero Hora, pelo qual cobriu a queda do avião da Chapecoense, tratava sobre o tema uma vez ao ano, "timidamente, através de um genérico de um médico da saúde do trabalho" como o mesmo cita na resposta.

Já André Machado falou que recebeu, em algum momento, mas não especificamente na cobertura do voo TAM 3054, citada acima, orientações para se afastar temporariamente de trabalho.

A minha resposta positiva está vinculada à outra tragédia que cobri pela Rádio Gaúcha: o incêndio da boate Kiss. No caso em questão,

me foi oferecida uma semana de férias. No entendimento do então diretor da emissora, eu estaria “um pouco agressivo com entrevistados” ao retornar de Santa Maria. Fiquei uma semana em casa e retornei ao trabalho sem qualquer acompanhamento. (MACHADO, 2019).

#### 4.2.2 A estrutura de atendimento

Quanto ao quesito “estrutura de atendimento disponível”, há divergências entre profissionais atuantes no mesmo veículo, mas os jornalistas, de modo geral, relatam desconhecer essas estruturas ou informam que essas se encontram nas sedes dos veículos e, dessa forma, distantes das equipes que acabam trabalhando no interior.

A segunda pergunta encaminhada aos entrevistados foi: “Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo onde você trabalhava ou trabalha?”

Viviana Fronza, que cobriu o incêndio na Boate Kiss pela Rádio Gaúcha e que ainda permanece no veículo, diz que, em 2015, existia uma equipe responsável por atendimentos relacionados à saúde mental na unidade de Santa Maria, cidade em que ela trabalha para o veículo, mas que hoje essa assistência é oferecida em Porto Alegre.

Até 2015, havia uma equipe de RH em Santa Maria que também cuidava disso. Fazia os encaminhamentos a profissionais de saúde mental, caso houvesse necessidade. Mas, o trabalho mais importante, na minha percepção, era o acolhimento que recebíamos dessas pessoas (*uma delas era psicóloga*) aqui na unidade. Desde então, as ações são concentradas em Porto Alegre, mas sempre que precisei fui atendida. (FRONZA, 2019).

Diferente de Viviana, André Machado, que atuava no mesmo veículo e que trabalhou em diversas tragédias, entre elas o incêndio na Boate Kiss e o acidente com o voo TAM 3054, já citado acima, diz não se recordar de estruturas de atendimento para saúde mental dos funcionários:

Nos anos em que trabalhei na emissora (*entre 1996 e 2013*) não me recordo de nenhuma estrutura de atendimento de saúde mental organizada. Ressalto, no entanto, que a estrutura de RH estava disponível para resolver situações pontuais e que o Grupo RBS

contava com uma área de saúde, mas não com um programa de superação de eventuais situações limite. (MACHADO, 2019).

#### **4.2.3 A busca por atendimento/orientação profissional**

Quando questionados sobre a procura por atendimento ou orientação profissional após a realização das tragédias citadas anteriormente, os jornalistas se dividiram entre: os que não buscaram apoio profissional, os que buscaram ou que já realizavam esse acompanhamento anteriormente, e os que foram em busca do fortalecimento da religiosidade.

A terceira pergunta encaminhada aos entrevistados foi: "A partir da cobertura do fato tratado no podcast citado anteriormente, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?"

Guilherme Testa diz que fazia acompanhamento psicológico mesmo antes da cobertura da queda do avião da Chapecoense, e que as coberturas que realizou já foram pauta nas consultas.

Eu faço tratamento psicológico desde 2012. Em diversos momentos a rotina do jornalismo foi pauta durante as conversas. Chapecó foi um capítulo importante da minha vida. Além de vivenciar uma cobertura internacional, tive que realizar opções pessoais e editoriais antes de bater o obturador. Em relação às sessões, foram alguns debates sobre trauma, morte, acidentes, mais como evento do que como experiência. Acredito que consegui "resolver a pauta" de uma forma profissional. (TESTA, 2019).

Lauro Alves diz que nunca foi atrás de atendimento psicológico e que busca fortalecer o lado espiritual.

Apesar de soar desconfortável ou não eficaz para maioria, nunca procurei atendimento pós alguma cobertura difícil. Com certeza essas coberturas te transformam, porém sou uma pessoa que se aprofunda e pratica cotidianamente a religiosidade pra deixar ela menos rasa e se fazer mais forte individualmente. (ALVES, 2019).

Outros jornalistas se limitaram a respostas mais simples ou lacônicas sobre o tema.

#### 4.2.4 Instruções sobre saúde mental por parte dos veículos

Quando a pergunta foi referente a instruções dadas pelos veículos dentro do quesito saúde mental e oferecidas antes de coberturas jornalísticas, sendo assim, no ingresso desse profissional à empresa ou ao longo da carreira profissional, somente um entre nove jornalistas entrevistados diz ter recebido orientação.

A quarta pergunta encaminhada aos entrevistados foi: “Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?” Ao responder essa questão, Lauro Alves diz ter recebido instrução sobre saúde mental, mas diz que essa identificação da necessidade por buscar ajuda deveria partir dele mesmo. “Sim. Se caso precisasse, deveria sem receios procurar ajuda médica” (ALVES, 2019).

Aline Custódio, assim como os demais jornalistas, relatou não ter recebido instruções e diz que carregar as marcas deixadas por cada cobertura faz parte da vida do jornalista.

Não. Nunca. Mas, falando bem a verdade, acho que se o profissional não tiver estrutura psicológica para suportar a profissão, precisa buscar terapia para entender o que se passa com o seu emocional em geral. Sentir e sofrer por um tempo, ou lembrar de imagens ruins, faz parte da vida. É preciso saber conviver, tirar alguma lição e seguir. (CUSTÓDIO, 2019).

#### 4.2.5 Percepções

A última pergunta foi relacionada à percepção pessoal desses profissionais sobre a forma como as empresas vêm tendo cautela quanto à saúde mental dos profissionais. Nesse aspecto, os jornalistas relataram que as empresas não têm essa preocupação ou que passaram a ter em determinada situação ou momento específico.

A quinta pergunta encaminhada aos entrevistados foi: “Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por quê?”

Felipe Nabinger diz que as empresas estão pouco preocupadas com as questões de saúde mental e que a busca por ajuda sempre acaba partindo

diretamente dos profissionais que começam a sofrer com esses problemas. "Não. Passei por Rádio Gaúcha, Bandeirantes, Guaíba e Grupo Sinos. Em nenhuma delas há preocupação com essas questões partindo da empresa. São os próprios profissionais que procuram acompanhamento por conta própria." (NABINGER, 2019).

André Machado diz que as empresas são negligentes com relação à saúde mental de seus profissionais e que esses estão sendo cada vez mais expostos a situações de possíveis traumas. "Não. Em maneira geral, e pela minha experiência, as empresas têm sido negligentes nesse ponto. A saúde mental do colaborador é relegada a segundo plano. As novas tecnologias, inclusive, tem colocado cada vez mais os profissionais diante de imagens repugnantes e com alto grau de trauma" (MACHADO, 2019).

Guilherme Testa acredita que as empresas se preocupam com a saúde mental dos jornalistas, mas isso quando acontecem situações específicas e que essa preocupação se faz necessária. "Eu acho que elas começam a se preocupar quando o assunto bate à porta. Quando existe uma situação em que esse apoio se faz necessário. Eu gostaria que todas as empresas, não somente as de comunicação, manifestassem interesse na saúde mental do colaborador. Depressão é uma doença que podemos disfarçar facilmente" (TESTA, 2019).

#### 4.3 O PREPARO À ASSISTÊNCIA POR PARTE DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO EM RELAÇÃO AO SEU FUNCIONÁRIO

Para fins de mapeamento da situação de amparo à saúde mental dos jornalistas, fiz um levantamento também junto a veículos de imprensa, visando a entender como funciona o suporte para os profissionais envolvidos. Nesse processo, foi enviado um mesmo questionário para os veículos: Grupo Record, Grupo Sinos, Rede Bandeirantes, Grupo RBS, SBT, Rede Pampa e Grupo Globo. Desses, somente o Grupo RBS deu retorno sobre seus planos de ação quanto à saúde mental. Os demais veículos ou comunicaram que não poderiam informar ou não deram retorno algum. É importante ressaltar que tentei contato por diversas formas, como telefone, e-mail, WhatsApp e por funcionários do corpo interno.

Fui informada pelo Grupo RBS de que existe a realização de exames periódicos que podem ocorrer entre o período de um e dois anos. Nesses exames, o



médico sonda o funcionário sobre algumas questões, mas essas não possuem um padrão, sendo conduzidas de acordo com o perfil de cada médico. Esses exames não possuem um direcionamento específico para a saúde mental. A área de Recursos Humanos da empresa informou, a partir de contato estabelecido justamente para essa pesquisa, que está trabalhando com treinamentos, mas esses possuem direcionamentos para funções específicas e possuem propostas direcionadas especificamente à segurança física dos profissionais, não trabalhando as questões de saúde mental. Sobre abordagens relacionadas à saúde mental, o veículo nos informou que os direcionamentos para acompanhamentos psicológicos ocorrem muito mais de forma posterior do que prévia a coberturas. A empresa oferece um convênio médico de saúde em que é possível encontrar psicólogos e psiquiatras. Com esses médicos profissionais, é viável realizar acompanhamento psicológico, mas a empresa só garante acesso a um pacote limitado de 12 consultas anuais, com a possibilidade de mais quatro consultas, caso o médico ateste essa necessidade. Caso sejam necessárias mais de 16 consultas de atendimento psicológico, os profissionais que buscam por esse serviço por meio do convênio precisam arcar com os custos de forma integral ou serão encaminhados para afastamento por meio do INSS.

Seguindo no assunto “exames periódicos”, o Grupo RBS informou que, a partir de reclamações específicas relatadas por um número considerável de colaboradores, por exemplo, muitos funcionários relataram que estão exagerando no consumo de bebidas alcoólicas. O setor responsável pela saúde ocupacional do trabalhador, chamado Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT), busca realizar ações direcionadas para esses temas, mas admite que esses processos ainda estão em fase de testes e ainda não estão sendo aplicados de forma efetiva dentro da empresa.

Sobre palestras realizadas dentro da empresa, fui informada de que a RBS oferece conteúdos durante a Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPAT), que ocorre uma vez por ano, e que em 2019 previa a participação de um psiquiatra, mas o palestrante cancelou a ida duas semanas antes do evento. Sobre a SIPAT, porém, há reclamação de que é pouco divulgada. Os jornalistas da empresa são avisados por e-mail, mas como a redação costuma receber centenas de mensagens por dia, muitos profissionais nem chegam a ver o anúncio. A ação, dessa forma, acaba tendo efeito pouco efetivo entre os jornalistas.

Quando a pergunta foi sobre o setor responsável por cuidar das questões de saúde mental dentro da empresa e assim, direcionar esses encaminhamentos, a informação é de que não há um setor ou equipe específica. Essa demanda pode ser levantada por parte do gestor, caso tenha maior proximidade com o integrante da equipe; por demanda do exame periódico, que, como informado anteriormente, pode ocorrer entre um prazo de um e dois anos; por meio do médico clínico geral, que realiza os atendimentos iniciais através do convênio médico de saúde e encaminha cada paciente para as especializações necessárias etc. No passado, a empresa contava com o trabalho de um(a) assistente social, mas hoje não disponibiliza mais desse serviço.

É possível denotar, a partir da falta de respostas ou negativa de retorno às perguntas do questionário enviado para os veículos de comunicação, em associação com o depoimento dos jornalistas dado anteriormente no trabalho de podcast e nas respostas às perguntas do questionário enviado para eles, que não há uma preocupação deliberada por parte das empresas com a questão de saúde mental dos jornalistas que atuam em coberturas especiais ou factuais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito inicial mapear e entender como era realizada a abordagem da saúde mental dentro das empresas jornalísticas e entre os profissionais. Para isso, analisei repórteres e empresas inclusas nesse mercado. Esse assunto é de grande importância porque, de acordo com informações do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) de 2017, os transtornos mentais estão entre as cinco principais causas de afastamento do trabalho no país e, de acordo com um levantamento feito pela International Stress Management Association (ISMA – Brasil), o Brasil é o segundo colocado entre os países mais estressados do mundo em um ranking com dez países. A escolha se deu por convergência entre sensibilidade ao tema e curiosidade investigativa desta pesquisadora.

O primeiro capítulo trouxe os conceitos de tragédia e a ligação de transtornos comportamentais e transtornos mentais com o ambiente de trabalho, além disso, contou o contexto inicial da profissão de jornalismo e a construção histórica em nosso país. Essa discussão se insere no trabalho porque o objeto está diretamente associado a esse tema, e necessitou da devida contextualização.

Dentro dessas circunstâncias, encontra-se a história do jornalismo no Brasil desde seus primórdios, com a chegada das tipografias, vindas de Portugal, até o surgimento das rádios e, após, das TVs em solo nacional, e o papel importante desses meios de comunicação, com avanços tecnológicos vindos a partir da chegada da internet e com a possibilidade de convergência dessas mídias. Essa evolução caminha com a transformação das condições de trabalho dos profissionais, principal aspecto analisado aqui.

Para avançar na discussão sobre como um assunto é enquadrado e distribuído, foi apresentado o conceito de pauta e como ela é caracterizada e desenvolvida na produção no trabalho jornalístico. Além disso, são esclarecidos os processos hierárquicos dentro de uma redação, qual o papel de cada etapa desse processo, e como funcionam as coberturas diárias. Isso me permitiu destacar a importância de cada função dentro da profissão e também de como elas se encarregam ou sobrecarregam com demandas.

Seguindo a adução do assunto “coberturas”, o texto continua então para a cobertura de tragédias e as diferenças em relação à cobertura diária. Dessa forma, o jornalista assume um papel ainda mais relevante e estreito devido à necessidade de

ser mais cuidadoso quanto à divulgação de cada informação e quanto ao envolvimento emocional desse profissional com a notícia.

O capítulo três trata especificamente sobre saúde mental e coberturas jornalísticas. Nele apresento possíveis definições para o tema saúde mental, ainda muito abrangentes. Embora o trabalho seja sobre jornalismo, trazer essa discussão é fundamental, já que não é possível dissociar uma abordagem da outra.

Seguindo nessa linha, apresentei as dificuldades de limitar o termo e a variação do termo de acordo com experiência vivida por cada indivíduo. Adiante, trago os limitadores da evolução e desenvolvimento quanto aos cuidados com a saúde mental do trabalhador, os índices de profissionais atingidos por problemas psicológicos no Brasil, as definições a partir dos conceitos mais utilizados entre os diagnósticos de problemas mentais e os percentuais de afastamento do trabalho em decorrência dessas doenças.

A partir disso, então, trago a discussão aplicada ao meio jornalístico, mostrando a exposição desse profissional a um alto nível de estresse. Após a ligação entre Saúde Mental e jornalismo, faço uma relação entre grandes tragédias e jornalismo, e destaco o jornalista como testemunha e responsável por transcrever o sofrimento coletivo e as preocupações quanto à existência de um impacto emocional desencadeado em decorrência dessa exposição.

No quarto capítulo, aprofundo-me de forma definitiva no assunto Saúde Mental no Ambiente Jornalístico, o objetivo proposto inicialmente e cumprido por este trabalho. A partir de um podcast desenvolvido na disciplina de Projeto Experimental 1 – Rádio, da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS – FAMECOS, em que tratei sobre os bastidores das coberturas das grandes tragédias no sul do país, realizei entrevistas com 19 jornalistas que cobriram as seguintes situações: queda do avião da Chapecoense, incêndio na Boate Kiss, acidente com o avião TAM 3054, e queda de um ônibus escolar na barragem da Corsan na cidade de Erechim. A partir dessas entrevistas, foram trazidos para esse trabalho de conclusão de curso os relatos dos jornalistas que, de alguma forma, manifestaram algum tipo de marca deixada por essas coberturas. Isso me permitiu fragmentar as entrevistas e salientar os relatos desses profissionais.

Os depoimentos do podcast abriram margem para entender como esses trabalhadores são afetados ou como se sentem sobre discussões relativas à saúde mental. É a partir daí que destaco a análise feita com a aplicação de um questionário

em formato de texto encaminhado para esses personagens. Esse questionário segue o padrão de entrevista padronizada ou entrevista estruturada e teve como intuito comparar o padrão de respostas de cada um desses jornalistas. O questionário me permitiu analisar a percepção deles quanto ao que as empresas de comunicação lhes oferecem em relação ao amparo no âmbito da saúde mental.

Em seguida, trago a busca das informações sobre os veículos de comunicação. Para eles, também foi encaminhado um questionário, e essas perguntas tiveram como objetivo verificar as estruturas oferecidas pelos grandes veículos para seus profissionais da comunicação. Os veículos que receberam o questionário foram: Grupo Record, Grupo Sinos, Rede Bandeirantes, Grupo RBS, SBT, Rede Pampa e Grupo O Globo, mas somente o Grupo RBS respondeu.

A partir das informações levantadas por meio dos questionários encaminhados para os jornalistas e também com base no desinteresse manifestado pelos veículos em relatar as estruturas oferecidas para seus profissionais, somado à discussão bibliográfica feita nos primeiros capítulos, permito-me dizer que os jornalistas se sentem desamparados com relação ao apoio oferecido por parte das empresas e levam essa carência de amparo emocional ao longo da trajetória profissional, independentemente do veículo em que trabalham ou trabalharam.

As questões de saúde mental ainda se encontram manifestadas de forma muito abstrata dentro dos grandes veículos e os mesmos parecem apresentar, de modo geral, uma despreocupação quanto a esse assunto. Destaco novamente que, dos veículos contatados, somente o Grupo RBS deu retorno sobre o questionário encaminhado, isso demonstra, ao menos parcialmente, o desinteresse dos demais em debater o tema. O fato de a autora trabalhar no veículo, ajudou quanto à acesso as informações, mas isso não foi obtido de forma rápida e fácil.

Destaco novamente a importância de se tratar o assunto Saúde Mental em meio à carreira profissional, já que as redações diminuem as equipes a cada dia, os profissionais são cada vez mais cobrados quanto ao desenvolvimento de multitarefas e quanto à produção de um número cada vez maior de pautas diárias, gerando maior desgaste físico e psicológico para esses indivíduos. Tenho noção de quantos limites a metodologia e o escopo impuseram para eventuais conclusões, mas também espero que seja um ponto de partida para novas reflexões de ordem acadêmica e profissional.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ALMEIDA FILHO, Naomar de; COELHO, Maria Thereza Ávila; PERES, Maria Fernanda Tourinho. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, São Paulo, n. 43, p. 100-125, set./nov. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28481/30335/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ALVARO, J. L.; PÁEZ, D. Psicología Social de la salud mental. *In*: Alvaro, J. L.; Garrido, A.; TORREGROSA, J. R. (org.). **Psicología social aplicada**. Madrid: McGraw Hill, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2J69OVR>. Acesso em: 14 abr. 2019.

AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 26, n. 1, p. 71-86, abr. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17491/11117>. Acesso em: 05 mar. 2019.

AMPARO, Deise Matos; BRASIL, Katia Tarrouquella; FUKUDA, Cláudia Cristina e MORAIS, Camila Aquino. Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros. **Estudos psicológicos**, Natal, v. 17, n. 3, p. 369-379, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2xjUOON>. Acesso em: 17 maio 2019.

APA. **DSM 5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2OFDV8N>. Disponível em: 23 mar. 2019.

APA. **American Psychiatric Association DIAGNOSTIC And Statistical Manual Of Mental Disorders**, Fifth Edition. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XrDse9>. Acesso em: 11 jan. 2019.

ASIOLI Fabrizio; SARACENO, Benedetto; TOGNONI Gianni. **Manual de saúde mental: guia básico para atenção primária**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BEIGEL, Allan. **Advances in Psychiatric Knowledge**. EUA: Amer Psychiatric Pub Inc, 1996.

BERNARDO, Márcia Hespanhol; SATO, Leny. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n. 4., out./dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2ZEKCFJ>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BIBEAU, Gilles. **Repères pour une Approche Anthropologique en Psychiatrie**. In: CORIN, E. *et al.* (ed.). *Regards Anthropologiques en Psychiatrie*. Montréal, Editions du Girame, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2GISVAV>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BORGES, Livia de Oliveira; ARGOLO, João Carlos Tenório. **Estratégias organizacionais na promoção da saúde mental do indivíduo podem ser eficazes?**. Rede Scielo, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://bit.ly/31TMrHN>. Acesso em: 22 abr. 2019.

BRANDALISE, Roberta; NEGRINI, Michele. Hipóteses de trabalho na realização de uma cobertura jornalística em televisão. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2KxcLCO>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRANDALISE, Roberta; NEGRINI, Michele. Os critérios de noticiabilidade no telejornalismo: uma reflexão a partir da tragédia de Santa Maria. **Revista Pauta Geral: estudos em jornalismo**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/7050>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRAYNE, Mark. **Emoções, trauma e bom jornalismo**. Londres: Open Edition, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2YgqxG0>. Acesso em: 28 abr. 2019.

BRIENZA, Victoria. The 10 Worst Jobs of 2012. **CarrerCast**, [S. l.], 2012. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/2012-ranking-200-jobs-best-worst?page=0>. Acesso em: 12 jun. 2019.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COÊLHO, Nilzabeth Leite; TOURINHO, Emmanuel Zagury. O Conceito de Ansiedade na Análise do Comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, 171-178, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2Y9s1rl>. Acesso em: 12 jun. 2019.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do Jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 379-398, out. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/31TMVxB>. Acesso em: 13 mar. 2019.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro. 7. ed. Editora FGV. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2FtNN27>. Acesso em: 20 jun. 2019.

DELEVATI, Ananda. **Comunicação de risco e cobertura de desastres: o campo jornalístico e as fontes especializadas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação e, Comunicação Midiática,

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/31TMVxB>. Acesso em: 12 maio 2019.

DOC. Bastidores do Jornalismo: ônibus escolar de Erechim EP.4. **Mixcloud**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.mixcloud.com/fran-martins/doc-bastidores-do-jornalismo-%C3%B4nibus-escolar-de-erechim-ep4/>. Acesso em: 18 maio 2019.

DOC. Bastidores do Jornalismo: tragédia da Chapecoense EP.1. **Mixcloud**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.mixcloud.com/fran-martins/doc-bastidores-do-jornalismo-trag%C3%A9dia-da-chapecoense-ep1/>. Acesso em: 18 maio 2019.

DOC. Bastidores do Jornalismo: tragédia na Boate Kiss EP.2. **Mixcloud**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.mixcloud.com/fran-martins/doc-bastidores-do-jornalismo-trag%C3%A9dia-na-boate-kiss-ep2/>. Acesso em: 18 maio 2019.

DOC. Bastidores do Jornalismo: voo TAM 3054 EP.3. **Mixcloud**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.mixcloud.com/fran-martins/doc-bastidores-do-jornalismo-voo-tam-3054-ep3/>. Acesso em: 18 maio 2019.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais [...]. Recife: Intercom, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/31MLHny>. Acesso em: 10 mar. 2019.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis: Understanding New Media**. California: Pine Forge Press, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/2Y5HngU>. Acesso em: 23 jun. 2019.

FILGUEIRAS, Julio Cesar; HIPPERT, Maria Isabel Steinherz. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicol. cienc. prof**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 40-51, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/2XrUAU9>. Acesso em: 12 jun. 2019.

GOMES, Maria Cristina; OLIVEIRA, Andreza Alves de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. **Entrevista: um relato de aplicação da técnica**. IV Seminário de Ciências da Informação. Londrina. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2OLiEqA>. Acesso em: 23 jun. 2019

JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley. **Saúde Mental & Trabalho: leituras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MACAMBIRA, Dávila Dayana Castelo Branco; TEIXEIRA, Solange Maria. A saúde mental do trabalhador na era do capitalismo monopolista. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017. Maranhão. **Anais** [...]. Maranhão: UFMA. Disponível em: <https://bit.ly/2ICFqDz>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MATTOSO, Jorge. Tecnologia e emprego: uma relação conflituosa. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n. 3, jul./set. 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2XoQ6he>. Acesso em: 20 maio 2019.



MERLO, Álvaro Roberto Crespo; BOTTEGA, Carla Garcia; PEREZ, Karine Vanessa (org.). **Atenção à saúde mental do trabalhador: Sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho.** Porto Alegre: Evangraf, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Lc0YZ6>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MORAES, Benedito Aparecido Rodrigues. **Vamos “AO VIVO”! Uma análise do improviso no discurso da reportagem em tempo real na TV.** 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social São Paulo, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2WYgpGE>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MOTTA, Juliana, RUBLESCKI, Anelise. Cobertura ao Vivo em Televisão: o Improviso e o Testemunho em Situações de Tragédia, Anelise. *In: SIPECOM - SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 5.*, Santa Maria. **Anais** [...]. Santa Maria: UFSM, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2xbn3iq>. Acesso em: 22 jun. 2019.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez./fev. 2002-2003. Disponível em: <https://bit.ly/2ZKsv8m>. Acesso em: 11 maio 2019.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. **Conceito de Saúde Mental de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS).** Curitiba, [201-]. Disponível em: <https://bit.ly/2rlZb1x>. Acesso em: 22 mar. 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da Televisão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil.** Santa Catarina. Insular, 2007.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SILVA-JUNIOR, João Silvestre; FISCHER, Frida Marina. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. **Rev. bras. epidemiol**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 735-744, dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Kwr1Ld>. Acesso em: 25 mar. 2019.

STRESS and mental health. National Union Of Journalist, London, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/1UdgszF>. Acesso em: 23 jun. 2019.

STRIEBER, Andrew. Jobs Rated 2010: Jobs Rated 2010: **A Ranking of 200 Jobs From Best to Worst.** **CarrerCast**, [S. /], 2010. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/jobs-rated-2010-ranking-200-jobs-best-worst?page=0>. Acesso em: 12 mar. 2019.

STRIEBER, Andrew. Jobs Rated 2011: **Ranking 200 Jobs From Best to Worst**. **CarrerCast**, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/2011-ranking-200-jobs-best-worst?page=0>. Acesso em: 12 mar. 2019.

THE WORST Jobs of 2013. **CarrerCast**, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-2013>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE WORST Jobs of 2014. **CarrerCast**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-2014>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE WORST Jobs of 2015. **CarrerCast**, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-2015>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE WORST Jobs of 2016. **CarrerCast**, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-2016>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE WORST Jobs of 2017. **CarrerCast**, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/worst-jobs-2017>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE WORST Jobs of 2018. **CarrerCast**, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/2018-worst-jobs?page=0>. Acesso em: 12 jun. 2019.

THE 2019 Jobs Rated Report. **CarrerCast**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.careercast.com/jobs-rated/2019-jobs-rated-report?page=0>. Acesso em: 12 jun. 2019.

ZUCULOTO, Valci Regina **Mousquer**. **No ar - A história da notícia de rádio no Brasil**. São Paulo, Insular. 2012

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA OS JORNALISTAS

### **Bruno Alencastro**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Zero Hora, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Uma vez ao ano, timidamente, através de um genérica de um médico da saúde do trabalho.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Zero Hora?

Lembro de ter um ambulatório no piso térreo, mas para a saúde como um todo.

Não tenho uma memória clara para dizer que também era um lugar para pensar/tratar a saúde mental.

3) A partir da cobertura da Chapecoense, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Não.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Nunca.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não, estão longe de estarem atentando para isso.

### **Darci Debona**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Diário Catarinense, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Trabalho no DC desde 2000 e o primeiro momento em que recordo claramente que houve uma preocupação nesse sentido foi após o acidente com o avião da

Chapecoense em novembro de 2016. Nesse momento entendo que houve um amparo da empresa pois diretores, uma profissional da área, foram deslocados para Chapecó para dar suporte. Também foram contratadas psicólogas para conversas e dinâmicas com os funcionários. Houve uma preocupação em oferecer também um ambiente acolhedor, também disponibilizando frutas e bombons no ambiente de trabalho. Naquele momento me senti amparado.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Diário Catarinense?

No momento não tenho certeza se existe essa profissional na empresa.

A partir da cobertura da Chapecoense, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Fora não, tivemos apenas algumas conversas na empresa, logo após o acidente e um ano depois, se não me engano.

Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Não recordo de nada nesse sentido.

Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Considero que não. Penso que é mais reativa do que preventiva. Em 2007 por exemplo perdemos um colega numa cobertura de acidente de trânsito na BR 282, em Descanso-SC e não recordo de nenhuma ação de apoio psicológico. O que percebi foi uma orientação para ter mais cuidado com a integridade física nas coberturas.

### **Felipe Nabinger**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Rádio Guaíba, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Estive na Guaíba por dois anos. Não houve esse tipo de acompanhamento em nenhum momento.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Rádio Guaíba?

Não há esse tipo de estrutura interna. Apenas através de plano de saúde oferecido pela empresa.

3) A partir da cobertura da Chapecoense, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Sim, mas não especificamente pela cobertura. Ela foi um gatilho para que procurasse auxílio em questões gerais.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Não, nunca houve esse tipo de apoio. Creio que nem mesmo na faculdade de Jornalismo, pelo que lembro.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não. Passei por Rádio Gaúcha, Bandeirantes, Guaíba e Grupo Sinos. Em nenhuma delas há preocupação com essas questões partindo da empresa. São os próprios profissionais que procuram acompanhamento por conta própria.

### **Guilherme Testa**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Correio do Povo, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Não

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Correio do Povo?

Soube que a colega Tarsila Pereira recebeu apoio psicológico do jornal após a cobertura da tragédia de Sta. Maria. Comigo nunca comentaram nada.

3) A partir da cobertura da Chapecoense, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Eu faço tratamento psicológico desde 2012. Em diversos momentos a rotina do jornalismo foi pauta durante as conversas. Chapecó foi um capítulo importante da minha vida. Além de vivenciar uma cobertura internacional, tive que realizar opções pessoais e editoriais antes de bater o obturador.

Em relação as sessões, foram alguns debates sobre trauma, morte, acidentes, mais como evento do que como experiência. Acredito que consegui "resolver a pauta" de uma forma profissional.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Em nenhum momento foi me passada nada sobre este assunto.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Eu acho que elas começam a se preocupar quando o assunto bate à sua porta. Quando existe uma situação em que esse apoio se faz necessário. Eu gostaria que todas as empresas, não somente as de comunicação, manifestassem interesse na saúde mental do seu colaborador. Depressão é uma doença que podemos disfarçar facilmente.

### **Tarsila Pereira**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Correio do Povo, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Em nenhum momento, inclusive quando precisei me afastar por recomendação do meu psiquiatra eu fui perseguida por editores e diretores do setor de recursos humanos.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Correio do Povo?

Nenhuma. não há preocupação com a saúde mental dos funcionários.

3) A partir da cobertura da Boate Kiss, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Não.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Não, nunca.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não se importam com nada sobre a saúde mental dos jornalistas. Se você não está bem, é problema seu e não da empresa, mesmo que o teu problema seja relacionado ao ambiente profissional.

### **Lauro Alves**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Zero Hora, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Não, Nunca acreditei estar na posição de precisar desse amparo.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Zero Hora?

Sei da existência desse tipo de acompanhamento. Porém como nunca utilizei.

A partir da cobertura da Boate Kiss, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Apesar de soar desconfortável ou não eficaz para maioria, nunca procurei atendimento pós alguma cobertura difícil. Com certeza essas coberturas te transformam, porém sou uma pessoa que se aprofunda e prática cotidianamente na

religiosidade pra deixar ela menos rasa e se fazer mais forte individualmente. Mas acredito que exista na empresa, nunca usei.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Sim. Se caso precisasse deveria sem receios procurar ajuda médica.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não sei com profundidade de dados de outras empresas em geral. Mas nunca ouvi nada a respeito de desamparo. Acredito estarem atentas. Pois somos pessoas e trabalhamos juntos com pessoas e para as pessoas. Negar esse amparo seria contraditório ao propósito do trabalho. Mas não posso responder pela empresa pelo fato de não ter os dados e nunca ter precisado.

### **Viviana Fronza**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Rádio Gaúcha, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Estou na Gaúcha há sete anos. Desde o meu primeiro dia na unidade, em Santa Maria, recebi orientações sobre como deveria proceder caso sentisse viver/passar por momentos relacionados ao estresse. Não em situações específicas, mas em conversas que tínhamos com o setor de RH.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Rádio Gaúcha?

Até 2015, havia uma equipe de RH em Santa Maria que também cuidava disso. Fazia os encaminhamentos a profissionais de saúde mental, caso houvesse necessidade. Mas, o trabalho mais importante, na minha percepção, era o acolhimento que recebíamos dessas pessoas (uma delas era psicóloga) aqui na unidade. Desde então, as ações são concentradas em Porto Alegre, mas sempre que precisei fui atendida.



3) A partir da cobertura da Boate Kiss, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Posso falar sobre a cobertura da tragédia na Boate Kiss. Logo após a tragédia, em janeiro de 2013, a empresa reforçou o acolhimento com os colaboradores, disponibilizando psicólogos e profissionais da área para atender quem trabalhou na cobertura. Eu não busquei pelo serviço, nem dentro nem fora da empresa. Recordo de algumas situações pois uma colega bem próxima buscou esse apoio oferecido pela empresa.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Especificamente sobre coberturas antes delas serem feitas, não.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Pelo que vivencio na Gaúcha SM há sete anos, penso que a RBS está atenta à isso. De forma mais efetiva, bem verdade, até início de 2015. Depois, com a centralização de setores em Porto Alegre e não mais o interior, não há mais essa troca diária, mas ainda há rede de apoio caso seja preciso. Eu, sinceramente, entendo que a RBS tem procurado olhar mais para o seu colaborador, digamos assim. Eu não me sinto “invisível” aqui. Então, acredito que a RBS atente para as questões que envolvem situações de saúde mental.

Pela troca que tenho com colegas de outros veículos, percebo que o tema ainda merece mais atenção das empresas. Na empresa que eu atuava antes da Gaúcha, por exemplo, nunca teve nada nem ninguém que abordasse o assunto. Ouvindo relatos de outros colegas que atuaram na cobertura da Kiss, por outros veículos, foram poucos dos que precisaram de atendimento psicológico depois que se disseram realmente atendidos pelas empresas onde trabalhavam. Sei de muitos colegas que procuraram ajuda por conta própria.

**André Machado**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Rádio Gaúcha, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Sim, mas não de forma organizada e não relativa ao caso acidente com o voo da TAM, entre Porto Alegre e São Paulo, ocorrido em 2011. Na ocasião, eu era editor-chefe da emissora, a segunda pessoa na hierarquia do Jornalismo da Gaúcha. Talvez por isto, em momento algum nenhum tipo de atendimento foi-me oferecido como, no sentido inverso, não solicitei à empresa nenhum tipo de acompanhamento. A minha resposta positiva está vinculada à outra tragédia que cobri pela Rádio Gaúcha: o incêndio da boate Kiss. No caso em questão, me foi oferecida uma semana de férias. No entendimento do então diretor da emissora eu estaria “um pouco agressivo com entrevistados” ao retornar de Santa Maria. Fiquei uma semana em casa e retornei ao trabalho sem qualquer acompanhamento psicológico.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Rádio Gaúcha?

Nos anos em que trabalhei na emissora (entre 1996 e 2013) não me recordo de nenhuma estrutura de atendimento de saúde mental organizada. Ressalto, no entanto, que a estrutura de RH estava disponível para resolver situações pontuais e que o Grupo RBS contava com uma área de saúde, mas não com um programa de superação de eventuais situações limite.

3) A partir da cobertura do TAM 3054, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Ao contrário das tragédias da TAM e da Kiss, quando estive no local, no caso do voo da Chapecoense fiz a cobertura à distância. Ressalto, no entanto, que ao longo deste período fazia por conta própria acompanhamento com médico psiquiatra, na modalidade de terapia.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Não. Nunca. Ao longo de minha experiência como chefe de Reportagem ou Editor-Chefe tive a oportunidade de liberar repórteres para treinamentos ofertados por parceiros do tipo “jornalismo em áreas de risco”. É o mais próximo que tivemos do que seria uma real preparação psicológica dos jornalistas para atuações em situações extremas.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não. Em maneira geral, e pela minha experiência, as empresas têm sido negligentes neste ponto. A saúde mental do colaborador é relegada à segundo plano. As novas tecnologias, inclusive, tem colocado cada vez mais os profissionais diante de imagens repugnantes e com alto grau de trauma.

### **Aline Custódio**

1) Em algum momento da sua trajetória no veículo Zero Hora/Diário Gaúcho, você foi orientado, amparado, recebido para discutir saúde mental, ansiedade, estresse, depressão ou qualquer transtorno envolvendo seu trabalho?

Apenas com a médica clínica da CAF. Logo no início da minha carreira dentro da empresa, ainda como estudante e finalizando o TCC, tive uma crise nervosa por conta da pressão da universidade e do trabalho. Então, a médica me aconselhou a fazer terapia no período.

Mas, realmente, nunca me importei muito com esta questão dentro do trabalho depois de me tornar repórter. Sempre soube que jornalismo envolve uma pressão grande de todos os lados e que eu deveria estar preparada para enfrentar todo o tipo de questão.

2) Qual a estrutura de atendimento para saúde mental que você encontra/encontrou à disposição no veículo Zero Hora/Diário Gaúcho?

Por meio do nosso convênio de saúde, temos autorização para 12 sessões anuais com psicóloga e outras três, se eu não me engano, com psiquiatra. Mas nunca usei psiquiatra, por exemplo. Usei a psicóloga e paguei do meu bolso para continuar com a terapia por mais algum tempo.

3) A partir da cobertura da tragédia com o ônibus escolar de Erechim, antes ou depois, você procurou algum atendimento, orientação ou apoio profissional dentro ou fora da empresa? Se sim, como foi?

Não. Naquela época nem passava pela minha cabeça fazer terapia. Uma coisa que aprendi ao longo da vida é que até na dor a gente precisa tirar alguma boa lição. Então, apesar da tristeza sentida durante toda a cobertura, me apeguei ao aprendizado que tive com os repórteres que participaram daquela cobertura. Obviamente, nunca esqueci as cenas que vi lá. E se eu deixasse de sentir, como já te falei, deixaria de ser humana.

4) Você recebeu alguma instrução sobre saúde mental e coberturas jornalísticas antes da realização das mesmas, seja na sua entrada na empresa, seja na sua trajetória ou em alguma palestra, por exemplo?

Não. Nunca. Mas, falando bem a verdade, acho que se o profissional não tiver estrutura psicológica para suportar a profissão, precisa buscar terapia para entender o que se passa com o seu emocional em geral. Sentir e sofrer por um tempo, ou lembrar de imagens ruins, faz parte da vida. É preciso saber conviver, tirar alguma lição e seguir.

5) Você considera que as empresas jornalísticas, em geral, estão atentas a essa questão? Se sim, como? E por que?

Não sei se estão porque conheço apenas esta realidade onde estou inserida.

As estruturas mudaram, as pessoas mudaram e me parecem, realmente, mais sensíveis, e até mais fracas emocionalmente, do que quando comecei na carreira. Qualquer situação negativa já se torna um fardo, uma dor contínua e motivo para dependência de remédios. O fato é que é preciso estar maduro emocionalmente para seguir nesta área e não ficar se torturando para sempre.

## APÊNDICE B – QUESTIONARIO ENVIADO PARA OS VEÍCULOS

- 1) Existe alguma estrutura de amparo em saúde mental específica para jornalistas que trabalham em coberturas como as de tragédias? Se sim, qual?
- 2) Como funciona o amparo de saúde mental a profissionais que cobrem eventos como tragédias? Como funciona quanto a questões de pagamento/financiamento pela empresa?
- 3) Existe alguma instrução, treinamento ou orientação de ordem psicológica para os jornalistas que podem/atuam em coberturas de tragédias e eventos extraordinários que podem os afetar? Se sim, qual?
- 4) E existem discussões sobre saúde mental na empresa de forma constante, como campanhas, palestras, seminários e/ou atividades? Se sim, quais?
- 5) Qual departamento da empresa está incumbida de cuidar de questões envolvendo saúde mental?



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)